

NORMAS DA ABNT 2015



Faculdade Teológica Batista Equatorial



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA**

JOSUÉ DA SILVA DE LIMA

MANUAL DE NORMALIZAÇÃO:
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

BELÉM – PARÁ
2015



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA**

JOSUÉ DA SILVA DE LIMA

MANUAL DE NORMALIZAÇÃO:
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

Trabalho apresentado em cumprimento às exigências
Da disciplina: **METODOLOGIA DA PESQUISA**
Dos cursos de Bacharel em Teologia ministrada
Pelo professor: Esp. Josué da Silva de Lima

BELÉM- PARÁ
2015

LIMA, Josué da Silva

MANUAL DE NORMALIZAÇÃO: Apresentação de trabalhos científicos. Belém: FATEBE, 2015, 125p.

1- METODOLOGIA CIENTÍFICA

2-Trabalhos científicos – elaboração, III título

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL

CDD-003

NOMINATA

MANTENEDOR DA FATEBE

Seminário Teológico Batista Equatorial – STBE

Diretor Geral

Dr. David B. Riker, PhD.

FATEBE

Diretor Geral

Dr. David B. Riker, PhD.

Diretor acadêmico

Prof. Me. José Carlos de Lima Costa

Diretor administrativo e financeiro

Pr. Antonio Ronaldo F. de Souza

Secretária e gestora acadêmica

Profa. Sheila Gomes Carneiro Sousa

Coordenador de pesquisa e Pós-Graduação / Coordenação de TCCs

Prof. Me. Élcio Sant'Anna

Coordenador Acadêmico (Teologia)

Prof. Me. José Carlos de Lima Costa

Composição do texto

Prof. Esp. Josué da Silva de Lima



End.: BR 316, Km 01, 6241. Castanheira. CEP 66645-003. Belém – PA
Horário de Atendimento: 13h às 22h.
Fone(s): (91) 3235-1522/1605 Fax. (91) 3245-1174
E-mail: fatebe@fatebe.edu.br Site: www.fatebe.edu.br



1. INTRODUÇÃO

O presente manual de *Normalização* destina-se a mostrar diretrizes básicas que auxiliam na elaboração de textos científicos, dentro das normas técnicas atuais, exigidas na composição de trabalhos científicos tais como: resumos, sínteses, resenhas, monografias, dissertações, teses, projetos de pesquisa, ficha de leitura, artigo científico e *paper*. Apresentar-se-á de maneira pictórica, a importância e o lugar dos elementos pré-textuais, como: a capa, a folha de rosto, a folha de avaliação, a dedicatória, os agradecimentos, o epígrafe, o resumo com *abstract* e o sumário. Será abordado a relevância dos elementos textuais como: a introdução, o desenvolvimento, a clareza da linguagem escrita, as delimitações de cada tópico, no desenvolvimento de um trabalho científico e a sua conclusão, referências bibliográficas, bibliografias e os seus elementos pós-textuais, como: anexos, mapas, glossário et.al. Será observada ainda, as formas de se fazer citações diretas curtas, diretas longas, indiretas curtas e longas, como catalogar referências tanto em notas de rodapé; *que é a forma usada por esta instituição*; como no modo autor data e página. Observar-se-á também, os termos mais comuns em *latim*, quando usados em um texto científico. Orientar-se-á a prática de leituras analíticas e procedimentos na coleta de dados, referenciais teóricos e a vantagem da escolha de um tema fascinante e bem delimitado no projeto de pesquisa. Os alunos serão avaliados a partir de três itens principais, a saber: a participação em classe, frequência com participação em trabalhos práticos, e um *feed-back* sobre a matéria dada e discutida. A exposição do assunto será em forma de monólogo, porém, com a participação e interferência de cada aluno no manejo de classe. Espera-se que, no final desta unidade, cada aluno seja capaz de produzir, dentro das normas estabelecidas pela ABNT, NBR e esta instituição, textos bem elaborados e que obedeçam as normas da escrita. Finalmente, que o objetivo de estimular e orientar a vós outros, para que o necessário disposto sobre o hábito de escrever, seja alcançado. *In summa*, bons estudos!

2. PRINCIPAIS TRABALHOS CIENTÍFICOS

Há uma gama de trabalhos escritos que visam avaliar os que cursam alguma disciplina ou fazem cursos a longo e médio prazo, tanto no Ensino Médio, como no Superior e Pós-superior. A lista de trabalhos chega a ser bem longa, mas, observaremos apenas os mais conhecidos e que serão exigidos no presente curso.

2.1 RESUMO

Resumo é um trabalho comumente exigido em escolas superiores, seja de uma obra toda ou de parte desta. Entende-se que resumo, não é em si somente a elaboração de um trabalho científico, mas um exercício de leitura que nem por isso deixa de ter grande utilidade na didática.¹ Para Antonio Severino: “O resumo do texto é, na realidade, uma síntese das idéias e não das palavras do texto. Portanto, não se trata de uma miniaturização do texto”.² O estudante pode resumir o texto com as próprias palavras, porém, deve se manter fiel às idéias do autor cuja obra está sendo resumida. Lori Alice Gressler, define resumo como:

Uma síntese tão curta quanto possível de um texto, que inclui todas as informações essenciais e todas as idéias importantes desse texto. Para se resumir um texto, deve-se selecionar seus pontos mais importantes e relatá-los com poucas e bem escolhidas palavras.³

O resumo é feito em diferentes níveis de profundidade, dependendo do objetivo a que se propõe; porém é feito a partir de uma análise temática, onde o autor será ouvido, apreendido, sem que seja interrompido o conteúdo de sua mensagem. Trata-se de fazer ao texto uma série de perguntas cujas respostas forneçam o conteúdo da mensagem. Em primeiro lugar busca-se saber do que fala o texto. A resposta a esse questionamento revela o tema ou o assunto da unidade investigada. Apesar desta questão parecer simples de ser resolvida, ela muitas vezes ilude o leitor, pois nem sempre o título da unidade dá uma idéia fiel do tema.

¹ SEVERINO, Antonio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 102.

² SEVERINO. Op. Cit., p. 102.

³ GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 211.

Há casos em que o tema é apenas insinuado por associação ou analogia; outras vezes o texto não apresenta nenhuma relação com o tema. De modo geral, o tema tem determinada estrutura: o autor está falando não de um objeto, de um fato determinado, mas de relações variadas entre vários elementos. Além dessa possível estruturação, se faz necessário captar a perspectiva de abordagem do autor pois tal perspectiva, define o âmbito dentro do qual o tema é tratado, restringindo-o a limites determinados.

Na tentativa da apreensão da mensagem do autor, capta-se a problematização do tema, porque não se pode falar sobre um tema se este não se apresentar como um problema para o que discorre sobre ele. A apreensão da problemática, que por assim dizer provocou o autor, é condição básica para se entender devidamente um texto, sobretudo quando se tratar de textos filosóficos, teológicos, resumos críticos ou resenhas.

Normalmente, pergunta-se ao texto em questão: como o assunto está problematizado? Qual dificuldade será resolvida? Qual o problema a ser solucionado? A formulação do problema nem sempre é clara e precisa no texto, em geral é implícita, cabendo ao leitor explicá-la.

Captada a problemática, a quarta questão surge de forma espontânea: o que o autor fala sobre o tema, ou seja, como responde à dificuldade, ao problema levantado? Que posição assume, qual idéia defende, o que quer demonstrar? A resposta a esta questão revela a *idéia central*, *proposição fundamental* ou *tese*: trata-se sempre da idéia mestra, da idéia principal defendida pelo autor naquela unidade. Para Severino:

Em geral, nos textos logicamente estruturados, cada unidade tem sempre uma única idéia central, todas as demais idéias estão vinculadas a ela ou são apenas paralelas ou complementares. Daí a percepção de que ela representa o núcleo essencial da mensagem do autor e a sua apreensão torna o texto inteligível. Normalmente, a tese deveria ter formulação expressa na introdução da unidade, mas isto não ocorre sempre, estando, às vezes, difusa no corpo da unidade.⁴

Geralmente, na explicação da tese, sempre deve ser usada uma *proposição*; uma *oração*, um *juízo completo* e, nunca apenas uma *expressão*, como ocorre no caso do tema. Inicialmente, a idéia central pode ser considerada como uma hipótese geral da unidade, pois é

⁴ SEVERINO. Op. Cit., p. 50.

justamente essa idéia que cabe à unidade demonstrar através do raciocínio. Por isso, a quarta questão a se responder é: como o autor demonstra sua tese? como comprova sua posição básica? Qual foi o seu raciocínio, a sua argumentação? Através do raciocínio é que o autor expõe, passo a passo, seu pensamento e transmite sua mensagem.

O raciocínio, a argumentação, a expressão, o conjunto de idéias e preposições logicamente encadeadas, são os elementos mediante os quais o autor define [demonstra] sua posição ou tese. Quando se estabelece o raciocínio de uma obra ou unidade de leitura é o mesmo que reconstituir o processo lógico, segundo o qual o texto deve ter sido estruturado. Nesse caso, o raciocínio é a estrutura lógica do texto.

Então, o que o autor disse de essencial já foi apreendido. Porém, ocorre que alguns autores mencionam temas paralelos ao tema central, assumindo posições secundárias no desenvolvimento da unidade em questão. Essas posições e idéias são de certa forma, intercaladas e são dispensáveis ao raciocínio, tanto que poderiam ser até mesmo eliminadas sem interferir [truncar] a seqüência lógica do texto. As idéias secundárias, de conteúdo próprio e independente, complementam o pensamento do autor e são chamadas normalmente de sub-temas e sub-teses.

Entende-se que é esta análise temática que serve de base para o resumo ou síntese de uma obra ou de um texto. Porque de acordo com Mesquita: “Quando se pede o resumo de um texto, o que se tem em vista é a síntese das idéias do raciocínio e não a mera redução dos parágrafos”.⁵ Dessa forma, o resumo pode ser escrito com outras palavras, desde que as idéias sejam as mesmas do texto. Este tipo de análise, também, fornece as condições de se elaborar tecnicamente um roteiro de leitura como, por exemplo, o de um resumo orientador para seminários, estudos dirigidos e exposições. Para Gressler:

O resumo que integra um trabalho científico deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões desse trabalho. Ao se redigir o resumo, deve-se dar preferência ao uso da * *terceira pessoa do singular* e do verbo na * *voz ativa*. Deve-se evitar o uso de parágrafos, frases negativas e símbolos e abreviaturas que não sejam de uso corrente.⁶

⁵ Ibid., p. 51.

⁶ NBR 6028 *Apud* GRESSLER. Op. Cit., p. 211.

Finalmente, é com base na análise temática que se pode montar o organograma lógico de uma unidade; até certo ponto é a representação geometrizada de um raciocínio.

2.1.1 Roteiro para elaboração de resumo

O resumo contém: capa ou folha de rosto - ou as duas; normalmente com o nome *Resumo* (na identificação do trabalho na folha de rosto) ou com o mesmo nome da obra ou de sua unidade que está sendo resumida; terá a bibliografia, do lado esquerdo da página acima e escrita em *espaço simples*; terá um parágrafo para a introdução que ocupará entre 10% e 20% de todo o texto resumido, que serve para a contextualização do assunto e da obra e a apresentação do problema.

O texto de um resumo terá parágrafos, seguidos ou não, para o seu desenvolvimento, onde a idéia central do autor da obra que está sendo resumida deve aparecer. Finalmente, terá um parágrafo para a conclusão com crítica, se for exigido e sem crítica, caso seja um resumo simples ou uma síntese. Sua extensão será de cinco à dez mil caracteres, que correspondem a uma lauda e meia a três laudas.

O desenvolvimento será de 60% a 70% onde a idéia central do autor da obra que está sendo resumida deve aparecer. Finalmente, terá um parágrafo para a conclusão que terá de 10% a 20% contendo a crítica.

2.2 RESENHA

Alguns utilizam o termo resenha, com o mesmo sentido de resumo. Isso acontece quando a resenha é na verdade um resumo comercial, porém, tem como objetivo informar os leitores de uma publicação científica sobre as publicações mais recentes da área. [esta é chamada resenha comercial ou resenha de indicação]. A resenha comercial deve trazer um breve comentário sobre a obra e uma avaliação que auxilie o leitor a decidir se vai ou não ler o livro.

A resenha comercial normalmente responde às seguintes indagações: de que trata o livro? Tem ele alguma característica especial? De que modo o assunto é abordado? Que conhecimentos prévios são exigidos para entendê-lo? O livro foi escrito de modo interessante

e agradável? As ilustrações foram bem escolhidas? O livro foi bem organizado? O leitor a quem se destina irá achá-lo útil? Que resulta da comparação dessa obra com outras similares [caso existam] e com outros trabalhos do mesmo autor?⁷

A resenha científica é uma apreciação analítica e crítica sobre determinada obra; também visa incentivar a leitura do livro comentado e comparar-se-á pelo menos com duas obras que abordem o mesmo assunto. Seu tamanho será determinado por quem o solicitar; pois pode variar entre cinco mil caracteres para jornais e até dez mil caracteres tanto para publicações científicas, quanto para trabalhos acadêmicos.

Normalmente a resenha ganha um nome *fantasia* (grifo nosso) o que não é o mesmo da obra, porém, está estreitamente ligado com ele. A resenha tanto para jornais como a de apreciação de uma obra pode ser escrita com parágrafos seguidos ou não, em espaço simples e também é composta de três partes: introdução, resumo e opinião.

2.2.1 Roteiro para a elaboração de resenha

Em sua apresentação a resenha deve ter um título diferente do livro comentado. A sua redação deve ser direta sem entre títulos; a passagem de uma parte para outra deve ficar evidente por sua organização interna [frases de transição]. A folha de rosto deve conter todos os elementos necessários para a sua identificação; a primeira página do texto deve começar com uma referência completa da obra ou parte da obra acima, justificado ao lado esquerdo da página.⁸

Para uma resenha bem elaborada cientificamente, a crítica sobre a obra resenhada e a comparação com outras obras já publicadas são elementos indispensáveis, sendo elaborada da seguinte maneira:

Introdução – o objetivo da introdução é contextualizar o autor e sua obra no universo cultural, mostrando a relevância da obra; provocar interesse no leitor tanto pela resenha como pela obra. A introdução deve ocupar entre 10% a 20% da extensão total da

⁷ GRESSLER. Op. Cit., pp. 211-212.

⁸ AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos**. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 32.

resenha e conter [introdução] parágrafo de interesse, contextualização do autor e da obra parágrafo de transição para o resumo ou frase de transição.

Desenvolvimento – deve ocupar cerca de 60% e 70% da extensão total da resenha e deve mostrar as partes constitutivas básicas da obra e a síntese do pensamento do autor; conclusão – fechamento do resumo e parágrafo de transição para a crítica ou frase de transição, deve ser escrita em espaço simples com fonte 12.

Crítica – aqui constará os principais objetivos da resenha que são: apreciação da leitura analítica sobre a obra, recomendando-a ou não ao leitor. Cabendo aqui também sugestões ao autor e/ou editor da obra. Essa parte da resenha deve ter entre 20% e 30% da extensão total da resenha e conter: juízo sintético sobre a obra, explicação do juízo, sugestões ao autor, apreciação final [recomendação ou não de leitura].

A crítica deve considerar alguns itens indispensáveis: quanto à edição, erros e acertos da revisão textual: se a obra contém argumentos atuais, ilustrações, boa apresentação (capa, folha de rosto, impressão etc.; quanto ao conteúdo: se o texto contém erros e acertos quanto às informações veiculadas, como datas nomes, estatísticas).

Portanto, resenha é um resumo crítico de determinada obra ou parte dela. Geralmente, solicitada como tarefa complementar a uma disciplina de curso específico ou solicitada como uma produção científica para divulgação em publicações periódicas especializadas. Sobre resenha científica diz Severino:

As resenhas que, além da exposição objetiva do conteúdo do texto, tecem comentários críticos e interpretativos, discutindo, comparando, avaliando, são muito mais úteis do que as meramente informativas. Exigindo capacidade de síntese, relativa maturidade intelectual, domínio do assunto do texto abordado, muita sobriedade e objetividade nos comentários críticos, as resenhas são elaboradas com base nas diretrizes da leitura analítica.⁹

A resenha científica normalmente é uma tarefa para acadêmicos que já tenham uma boa noção do assunto, ou da obra em questão e no mínimo dois autores que abordem o mesmo

⁹GRESSLER. Op. Cit., p. 102.

assunto, por causa da crítica e da leitura analítica da resenha científica, que não dispensa uma avaliação contextual e comparativa do assunto.^{10*}

2.3 SÍNTESE

A síntese é uma espécie de resumo, contendo capa, ou folha de rosto, referência bibliográfica completa escrita em espaço simples acima, do lado esquerdo da página a síntese será composta de introdução, desenvolvimento e conclusão. A síntese é constituída de parágrafos seguidos, não contendo crítica, pois a mesma se ocupará apenas de achar a idéia central do texto, e havendo espaço, mencionará as idéias paralelas contidas no texto em evidência. Pode ser elaborada em espaço simples, com parágrafos seguidos, sua extensão será de uma lauda ou lauda e meia no máximo.

2.4 MONOGRAFIA

É um relatório de pesquisa, geralmente escrito como tarefa de uma disciplina ou trabalho de conclusão de curso (TCC). Documento que representa o resultado de estudo [pesquisa], devendo expressar conhecimento do assunto escolhido. Trabalho que deve emanar da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. A monografia deve ser elaborada sob os cuidados de orientador ou de orientadores.

2.5 DISSERTAÇÃO

É o relatório de uma pesquisa desenvolvida em um programa de Mestrado. É um trabalho específico exigido para os níveis de pós-graduação, tanto para *latu sensu* como *stricto sensu*.^{11*} De acordo com o disposto na NBR-14724:

É um documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento da literatura existente sobre o assunto e a capacidade de

^{10*} MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010, pp. 247-250.

^{11*} LEHFELD, Neide. **Metodologia e Conhecimento Científico: horizontes virtuais**. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 95-97.

sistematização do candidato. É realizado sob a coordenação de um orientador, visando a obtenção do título de mestre.¹²

2.6 TESE

É um trabalho apresentado como frutos de uma pesquisa, desenvolvida para um programa de Doutorado, ou pós-doutorado. De acordo com a ABNT, que trata de trabalhos acadêmicos:

É um documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É realizado sob a coordenação de um orientador e visa a obtenção do título de doutor.¹³

2.7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

É um trabalho que se propõe a discutir as contribuições de vários autores em um tema específico. Normalmente é preparada após a conclusão do projeto de pesquisa e poderá figurar, como um capítulo de um trabalho final de um curso ou unidade.

A revisão bibliográfica também é feita por orientado e orientador para que haja certeza da utilidade dos dados, das fontes e o surgimento de possíveis novas idéias.

2.8 PROJETO DE PESQUISA

Para Israel Azevedo: “é o planejamento da pesquisa propriamente dito, dele constando elementos como tema delimitação, fontes, metodologia, cronograma e outros”.¹⁴ O projeto de pesquisa, também é visto como uma seqüência de etapas estabelecidas pelo pesquisador, que

¹² NBR-14724: Trabalhos acadêmicos. 2005, p. 3 – sobre dissertação e estrutura de apresentação (ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas; NBR: Normas Brasileiras de Regulamentação)

¹³ ABNT *Apud* AZEVEDO. Loc. Cit., p. 10.

¹⁴ AZEVEDO. Op. Cit., p. 11.

por sua vez, direciona a metodologia aplicada no desenvolvimento de sua pesquisa.^{15*} Sobre projeto de pesquisa Odília Fachin, alude que: “O pesquisador obedece a um elenco de etapas metodológicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa científica”.¹⁶

2.9 FICHA DE LEITURA

Trata-se de uma planilha, normalmente contém uma página, com até dez itens, de questionamento a ser preenchido pelo leitor; inquirindo sobre a obra da seguinte forma: 1) Qual o nome da obra; 2) Nome do autor da obra; 3) qual a idéia central da obra; 4) O que se descobriu dentro da obra; 5) Como aplicar o que foi descoberto na obras; e et.al.

De acordo com José Maria da Silva e Emerson da Silveira, são dois os tipos de fichamento: 1) fichamento de referências, onde se faz um levantamento de livros, artigos e outras fontes sobre um tema; no qual um título genérico poderá indicar o assunto que está sendo fichado; 2) fichamento de citação, no qual são transcritos os trechos importantes do texto ou da obra.¹⁷

2.10 ENSAIO CIENTÍFICO

De acordo com Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho, a palavra ensaio é bem antiga. Sua forma etimológica, indica uma tentativa, um texto ainda não acabado, ou em experiência. Mas no sentido literato, significa dissertação curta, escrita em estilo coloquial, familiar, sem rigor metodológico. Dessa forma, o ensaio científico conserva uma relação adstrita com a palavra falada. Entende-se que ensaio é um jorrar constante de palavras do pensamento captado na hora de pensar contínuo e constante.¹⁸

¹⁵ *LÜCK, Heloísa. **Metodologia de Projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 21-32. (* comentário sobre a obra).

¹⁶ FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p.105.

¹⁷ SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas técnicas**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 119.

¹⁸ COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo F. (Dir.) **A literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro-Niterói: J. Olympio, UFF, 1986, vl. VI, parte III. *Apud* SILVA, José Maria; SILVEIRA, Emerson Sena. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 4.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009, p. 143.

2.11 PAPER OU COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

É um tipo de trabalho acadêmico que destina-se à apresentação oral em congressos, cursos, simpósios e eventos de cunho científico. Assim, o seu limite normalmente é estabelecido por quem o pede [professor ou instituição] no máximo entre dez ou doze laudas, escrito em papel A4. O seu limite é assim estabelecido, justamente para que se de conta de sua apresentação, que deve ser oral não ultrapassando vinte minutos.¹⁹ Sua estrutura é parecida com a do artigo científico, porém é mais curto e sintético. Embora se estruture como um artigo, não possui subdivisões internas.

Portanto, é um texto unitário. Recomenda-se para *paper* a seguinte estrutura: título (e subtítulo, se houver); autor (res) e suas credenciais; resumo e palavras-chave em português; texto; conclusão; título; resumo e palavra e palavra-chave em língua estrangeira e, por fim as referências. Embora o *paper* não possua divisões internas, o seu texto deve ser estruturado nos seguintes itens: apresentação do tema ou introdução, e desenvolvimento ou discussão do tema.²⁰

¹⁹ SANTOS, A.R. dos. **Metodologia científica: A construção do conhecimento**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. *Apud* SILVA; SILVEIRA. Op. Cit., p. 144.

²⁰ SILVA; SILVEIRA. Op. Cit., p. 144.

3. REDAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS

Em qualquer produção de um texto científico bem sucedido devem ser seguidos, alguns princípios para uma boa compreensão da redação produzida, e, que lhe confirmem uma boa clareza dentro das prerrogativas da boa escrita, tais como:

Clareza – o texto deve ser escrito para ser entendido; a dificuldade do leitor pode residir na compreensão do assunto, mas nunca na obscuridade do raciocínio do escritor. Um pensamento claro gera um texto claro escrito segundo a ordem natural do pensamento e das regras gramaticais.

Concisão – o texto deve dizer o máximo no menor número possível de palavras. Um escritor seguro do que quer dizer não se perde em meio às palavras, que são, por sua vez, um meio e não um fim. Portanto, o autor deve usar frases curtas e parágrafos breves.

Correção – o texto deve estar grafado corretamente, pontuado adequadamente e ter as suas concordâncias regidas conforme as regras da língua em que está composto.

Encadeamento – tanto as frases como os parágrafos e os capítulos, ou partes destes devem estar encadeados de modo lógico e harmônico. Recomenda-se que os capítulos, ou partes dos mesmos guardem alguma simetria em sua estrutura e dimensão.

Consistência – o texto deve usar os verbos nos mesmos tempos, preferencialmente na voz ativa, e os pronomes nas mesmas pessoas. Para se referir a si enquanto pesquisador, o autor deve escolher os seguintes tratamentos (nós, ou o pesquisador) e ficar nele ao longo do trabalho e usar sempre a linguagem na terceira pessoa do singular (com o índice de indeterminação do sujeito “SE”) ou do plural (verificamos, entendemos que, compreende-se, observa-se et al.).

Contundência – o texto deve ir direto ao assunto, sem ser circunlóquio, solilóquio e prolixo; fazendo afirmações de forma forte, marcando bem a sua posição. O escritor deve deixar bem claro qual a sua intenção no texto.

Precisão – o texto deve usar as palavras e conceitos nos seus sentidos universalmente aceitos ou definidos *a priori*. A ambigüidade não ocorre para a compreensão; a exatidão dos termos é indispensável na comunicação científica ou *ad-quem*.

Originalidade – o texto elaborado com originalidade normalmente é um texto fascinante que não deixa o leitor sem compreendê-lo, mas, tão somente se for redigido do modo autônomo, agradável e criativo. Autônomo é o texto que não depende em demasia das fontes utilizadas, mas o que procura reescrever de modo independente as idéias tomadas por empréstimo. Agradável é o texto escrito de modo a despertar o interesse do leitor. O criativo é o texto capaz de dizer as coisas, até as mais simples e compreendidas, numa perspectiva nova. Ser original também é evitar o recurso fácil das frases feitas, dos lugares comuns e dos jargões profissionais.²¹

Correção política – o texto deve dar atenção à noção do *politicamente correto*, no uso de conceitos e palavras, para evitar o emprego de expressões de conotação etnocentrista, etc., e.g.: a mãe que *judia* do filho; só pode ser arrumação dos *batistas*; peço oração *por cada* um de vós e et.al.

Fidelidade - o texto deve ser escrito segundo parâmetros éticos, com absoluto respeito ao objeto de estudo, às fontes empregadas e aos leitores. Os textos citados não podem ser usados para dizer o que seus autores não quiseram. O texto usado pode e deve ser interpretado, mas não distorcido. Portanto, todas as elipses e todas as interpolações devem ser indicadas.²²

3.1 TERMOS MAIS USADOS

As abreviaturas e siglas mencionadas no trabalho, na primeira vez que ocorrem no texto, devem aparecer entre parênteses, depois da forma por extenso; e.g., Organização educacional, científica e cultural das Nações Unidas (ONESCO). Para evitar repetições de títulos de obras

²¹ AZEVEDO. Op. Cit., pp. 21-22.

²² Ibid., p. 22.

ou de autores, tanto em notas de rodapé, como na lista final de referências, é possível que seja adotado abreviaturas, para que o texto ganhe velocidade e ocupe menos espaço.

3.1.1 Abreviaturas

De modo geral, abrevia-se uma palavra ou locução suprimindo-lhe uma ou mais letras, desde que lhe seja preservada a compreensão, e substituindo os caracteres suprimidos por ponto abreviativo, que normalmente se põe depois de consoante: of. (ofício), cap. (capítulo), p. (página ou páginas).

No caso de encontro consonantal, o ponto abreviativo deverá ficar após a segunda consoante: adv. (advérbio), fut. ind. (futuro do indicativo), abrev. (abreviatura, abreviação), q.v. (queira ver), s.a. (sem autor) (a), s.d. [s.d.] (sem data), s. ed. (sem editor(a), ex. (exemplo), Ed. (Editora), f. (folha), il. ou ilust. (ilustrações ou ilustração), n. (número), v. (volume), vid. (veja, vide), s.n.t. (sem notas tipográficas), v.o. (ver original).

Emprega-se também a duplicação de letras maiúsculas para indicar o plural: AA. (autores), VV. AA. (Vossas Altezas). Por tradição, algumas abreviaturas formadas de letras minúsculas seguem a mesma regra da duplicação para o plural: ss. (seguintes), aa. (assinaturas).

Não se abreviam nomes geográficos: Governador Valadares, e não Gov. Valadares. Exceção: Siglas das unidades da Federação: SP, PA, MA. Também não se abreviam palavras com menos de cinco letras. Exceções: h (hora), id. (idem), S. (São), t. (tomo), v. (ver, veja, vide), S (Sul), conforme normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Org. (Orgs.) organizador (organizadores), p. (página) (s), cf. infra (conferir linhas ou páginas adiante ou abaixo), cf. supra (conferir linhas ou páginas atrás ou acima).

3.1.2 Siglas

As siglas constituem casos especiais de abreviatura em que certos nomes próprios são reduzidos às suas letras ou sílabas iniciais: ONU (Organização das Nações Unidas), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Entretanto, algumas não são representadas por todas as letras iniciais: Prodasen (Centro de Processamento de Dados do Senado Federal).

Há siglas já consagradas que, mesmo sendo modificados os nomes a que se referem, mantêm-se inalteradas: IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), MEC (Ministério da Educação). Emprega-se uma sigla quando ocorrem, no texto, repetições dos respectivos nomes próprios. Na primeira menção de sigla pouco conhecida, deve-se usá-la entre parênteses, após o nome a que se refere: Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes).

As siglas podem ser grafadas: em letras maiúsculas, quando constituídas de duas ou três letras: BB (Banco do Brasil), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), ou de quatro letras ou mais, se pronunciadas separadamente: CBTU (Companhia Brasileira de Transportes Urbanos).

Exceções: UnB, MEx; apenas com a inicial maiúscula, quando pronunciadas como palavras: Finsocial (Fundo de Investimento Social). Modernamente não se usa ponto abreviativo após as siglas: EUA (Estados Unidos da América).

Conforme a denominação empresarial, empregam-se S.A. ou S/A para sociedade anônima e Ltda. ou Lt^{da} para sociedade por cota limitada. Neste manual, optou-se pelas formas S/A e Ltda. Faz-se o plural das siglas com o acréscimo de *s* minúsculo: MPs (medidas provisórias), CPIs (comissões parlamentares de inquérito), TREs (tribunais regionais eleitorais).

3.1.3 *Latinismos*

Na língua portuguesa, há o chamado latinismo especialmente em texto teológicos, e forenses, e ligados à medicina devido o latim ser uma espécie de língua mãe da língua portuguesa. Nesse particular, serão observados os termos mais comuns e mais importantes usados em trabalhos científicos.

Ibid. = *Ibidem* (no mesmo lugar) indica que o trecho citado foi extraído da mesma obra já referenciada em citação imediatamente anterior. *Id.*, *Ibid.*, podem vir juntos seguidos²³ do número da página (os exemplos serão observados na composição do presente trabalho).²⁴

Loc. Cit. = *loco citato* (no lugar citado), ou *locus citatus* (lugar citado) e, *Op. cit.* = *opere citato* (na obra citada) ou *opus citatum* (na obra citada; obra já citada) – ambas são usadas para indicar que a citação foi extraída do mesmo lugar ou da obra anteriormente indicada, mas que entre esta e a nova citação aparecem outros autores e obras citados.²⁵ Há recomendações também no sentido de se reservar a expressão *loc. cit.*, para citações não consecutivas ocorridas em páginas diferentes.²⁶

Pass. = *passim* = aqui e ali – o texto referido é citado diversas vezes e em páginas diferentes, o que dificulta a indicação das páginas.

Com respeito à pontuação, observa-se que as abreviaturas remissivas das notas bibliográficas não levem ponto final, embora as normas NBR 6023, 6029 e 10520 da ABNT não apresentem padrões fixos em seus exemplos. Quanto às abreviaturas de palavras e expressões latinas, estas são escritas com inicial maiúscula no início da nota e após um ponto.²⁷ Segue-se explicação de alguns latinismos.

ad hoc – para esse fim, a propósito, para isto, para este fim, da ocasião;

ad. lit., ou *ad. literam* - ao pé da letra;

ad quem - Para quem; juiz ou tribunal para o qual segue o recurso, ao orientador;

ad referendum - Para referir; para submeter à apreciação de, sob condição de consulta aos interessados e aprovação deles.

ad-tempora - citado de memória;

a priori - Raciocínio prévio; conhecimento, afirmação, verdade, etc., anterior à experiência;

a posteriori - Para depois; que vem depois;

²³ AZEVEDO. *Op. Cit.*, p. 35.

²⁴ GRESSLER. *Op.Cit.*, p. 244.

²⁵ SALVADOR, Ângelo. **Como redigir**. São Paulo: [s.e.]. 1998, p. 56.

²⁶ SALVADOR. *Op. Cit.*, p. 58.

²⁷ GRESSLER. *Op. Cit.*, p. 245.

ap.apud – referido por, segundo, citado por, serve para indicar que a citação não foi retirada do original [que a citação foi retirada de uma fonte mencionada, na fonte que está sendo consultada];

Caput Cabeça - utiliza-se quando se pretende destacar a parte superior de um artigo que possui incisos e/ou parágrafos;

ca. (*circa*) – aproximadamente (usado para datas);

cum laude - com louvor;

e.g. - (*exempli gratia*) - por exemplo;

et.al. ou *et alii* – e outros; etc., *et cetera* – e as demais coisas;

et. seg. – seguinte ou que se segue;

ex officio - por dever do ofício. Ato praticado pelo juiz sem provocação das partes;

honoris causa - por causa da honra. Diz-se dos títulos universitários conferidos sem exame ou concurso, a título de homenagem e.g.: doutor *honoris causa*;

Idonea verba - palavras oportunas, apropriadas;

i.é. (*id est*) isto é;

id. ou *idem* – do mesmo autor;

idem ou *ibidem* ou a forma abreviada *ibid* – na mesma obra;

in albis ou *albinis* - em branco;

in - em, na obra de. Usa-se em citações extraídas de obras coletivas, seguida por dois pontos e com inicial maiúscula. Ou em obras ainda em composição.

in fine – no fim, usa-se nas citações, para facilitar sua localização;

infra – abaixo, o que está por vir no texto, o que está na frente da leitura;

in memoriam - em lembrança de;

inania verba - palavras inúteis;

in summa - numa palavra; num raciocínio;

ipsis verbis - pelas mesmas palavras textualmente, tal como ou *ipsis litteris*;

ipso facto - por essa mesma razão, por esse fato mesmo, por isso mesmo;

lato sensu - em sentido amplo, em sentido lato, opõe-se a *stricto sensu*;

lit. litteraliter - equivale a *ipsis litteris* literalmente;

loc. cit. (*loco citato*) - na obra ou na obra já citada;

modus vivendi - maneira de viver, acordo de modos;

non liquet - não está claro; não convence;

op. cit. (opus citatum) - na obra citada;

post scriptum - escrito depois; abrev. P.S.;

pass. ou *passim* - aqui e ali;²⁸

pro labore - pelo trabalho. Remuneração por serviço prestado;

sc. ou *scilicet* - a saber, isto é, subentenda-se;

sine loco [s.l.] - sem local;

sine labore - sem trabalho;

sine qua non - sem a qual não (condição);

seq. (sequentia) - seguinte ou que se segue;

sic [sic] - assim mesmo, tal qual o original; serve para chamar a atenção de erros encontrados no texto ou incoerências do autor;

supra - acima [diz-se de uma sentença ou parte da obra já mencionada, ou lida anteriormente];

stricto sensu - em sentido restrito, opõe-se ao *lato sensu*;

statu quo - estado ou situação em que se encontrava anteriormente certa questão;

sui generis - de seu próprio gênero, especial, único;

sui juris - de direito próprio;

v.g. (verbi gratia) - por exemplo;

viz videlicet - convém ver, é fácil de ver;²⁹

vox populi, vox Dei - a voz do povo é a voz de Deus.

3.2 O USO DE PRIMEIRA OU TERCEIRA PESSOAS

Alguns escritores versados no assunto acreditam que a objetividade é alcançada quando escrevem na voz passiva, outros procuram evitar a repetição indevida de pronomes pessoais. Essa relutância em usar a primeira pessoa aumenta o número de palavras necessárias e pode tornar a redação menos objetiva. A primeira pessoa deve ser preferida a expressões como: *descobriu-se, conclui-se* (grifo nosso), que poderão deixar o leitor imaginando quem teria sido o autor da descoberta.

Para muitos versados na arte de elaborar textos científicos como Almack, somente no prefácio, tolera-se a primeira pessoa; o restante da tese deve ser escrita por uma questão de

²⁸ *Ibid.*, p. 246.

²⁹ *Ibid.*, p. 247.

decência, na terceira pessoa.³⁰ McCartney, todavia, fala do infundado preconceito dos autores contra o uso de pronomes pessoais.³¹ Thorton e Baron, recomendam o emprego da primeira pessoa quando se defende um ponto de vista de aceitação restrita ou que possa encontrar oposição.³² O escritor L. Kapp, vai além e usa livremente a primeira pessoa.³³

A professora de metodologia da pesquisa, Elizabeth Teixeira, que por sua vez é versada no assunto e leciona em algumas faculdades no estado do Pará, usa livremente a linguagem pessoal indireta, tal como: entendemos, pensamos concluímos e et.al.³⁴

Humberto Eco, entende que o uso de *nós* indica que se presume que o que se afirma pode ser compartilhado pelos leitores, e não implica nenhuma personalização do discurso científico. Para ele, quando muito, deve-se procurar evitar o pronome pessoal recorrendo-se a expressões mais impessoais, como *cabe, pois, concluir que; parece acertado que; dever-se-ia dizer; é lícito supor; concluí-se daí que; percebe-se que*. (grifo do autor).³⁵

Tradicionalmente, percebe-se que os pesquisadores da área das ciências exatas dão preferência à terceira pessoa, enquanto que os estudiosos das ciências humanas e sociais utilizam mais a primeira pessoa.

3.2.1 O uso de verbos

Na elaboração de um texto científico deve-se usar o verbo no passado para expor resultados de observações e experiências, deixando-se o presente para generalidades ou referência a condições estáveis. A permissão do uso de verbos no futuro deve ocorrer somente na introdução. O uso da voz passiva diminui a clareza e alonga a frase, aumentando sua complexidade.

³⁰ ALMACK *Apud* BARRASS, Robert. **Os cientistas precisam escrever**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 85.

³¹ McCARTNEY. *Apud* BARRASS. Op. Cit., p. 85.

³² TORTON; BARON. *Apud* BARRASS. Loc cit., p. 85.

³³ KAPP *Apud* BARRASS. Loc cit., p. 85.

³⁴ TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2006, pp. 38, 39.

³⁵ ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. *Apud* GRESSLER. Op. Cit., p. 210.

É importante limitar o uso da voz passiva aos casos em que esta não prejudique a clareza do texto. Enquanto nos relatórios se utiliza o verbo no passado, nos projetos este deve ser usado no futuro, com relação às atividades previstas.

3.2.2 O uso do vocabulário

O vocabulário deve ser selecionado cuidadosamente, tendo-se em mente que não deve ficar nenhuma dúvida quanto ao significado dos termos escritos, consultando-se os dicionários sempre que houver dúvidas quanto à grafia, sentido, ou qualquer outro aspecto das palavras usadas.

É conveniente evitar termos cujo significado não se domine inteiramente, como adjetivos que às vezes são desnecessários. Recomenda-se aos escritores que evitem a repetição de palavras, mas os cientistas não devem evitá-la; a palavra certa não pode ser substituída por outra, menos adequada, em benefício da elegância estilística, e, além disso, a repetição, muitas vezes, tem o efeito de dar ênfase a um ponto importante, na elaboração do trabalho científico.

Na composição de textos científicos, devem ser evitados períodos longos; se ocorrerem, deve-se procurar desmembrá-los em períodos mais curtos. Quando houver necessidades, não evitar a repetição do sujeito.

Deve-se eliminar o excesso de pronomes e orações subordinadas. Deve-se também abrir parágrafos com frequência quanto mais vezes melhor, porém, construídos em consistência dentro das prerrogativas de um raciocínio lógico e léxico-sintático.

Para Gressler, não se deve ter receios de produzir textos com medo de se cometer erros, escrever bem não é uma tarefa simples, mesmo para escritores experimentados.³⁶ O texto pode ser iniciado em qualquer ponto, desde que ao se reunir às partes do mesmo haja uma certa concisão e simetria entre alas.

³⁶ Ibid., p. 211.

3.3 APRESENTAÇÃO GRÁFICA

De modo geral, as divisões e subdivisões do corpo de um trabalho científico, dependem da natureza e desenvolvimento da matéria, de modo a expor com clareza a seqüência, a inter-relação de cada parte e ser conduzido em um padrão gráfico único nas aberturas de capítulos, nas primárias, secundárias e etc.

3.3.1 Margem e espaçamento

As folhas devem apresentar margem esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior de 2 cm. A margem superior da página do título [abertura] de cada capítulo deve ser de 5 cm., verticais [com o limite de 3 toques verticais de espaçamento de 1,5]. As aberturas de capítulos devem ser escritas com fonte 14, em caixa alta em negrito; as secundárias serão feitas com fonte 14 em caixa alta normal, as terciárias em fonte 14, com a primeira letra maiúscula e o restante das letras minúsculas exceto se houver nomes próprios na palavra seguinte e será grafado em negrito o título todo (vide no presente manual). Cada abertura das divisões secundárias e terciárias terá o dobro de espaçamento vertical usado no texto.

A margem esquerda das transcrições longas i.é., as citações acima de três linhas [citações *ipis litteris*] deve ser de 4 centímetros a partir da margem esquerda escrita com fonte 10 e espaçamento simples, separada por dois espaços verticais do texto (infra trataremos sobre citações). Cada parágrafo deve começar com 2 espaços de 1,5 e à 10 toques horizontais a partir da margem esquerda. Recomenda-se o uso de espaçamento 1,5 entrelinhas no texto e simples (espaço 1) para as citações longas, para as referências bibliográficas e notas de rodapé.

Deve-se deixar um espaço simples entre cada referência listada nas Referências Bibliográficas, no final do trabalho. O alinhamento dos parágrafos deve ser justificado, seguindo o mesmo padrão no que se refere à margem esquerda.

As monografias, dissertações e teses devem ser impressas em papel *branco* e no formato A4 (210x297mm). Nos resumos, sínteses e resenhas seguir-se-á o mesmo padrão de papel supra mencionado.

3.3.2 Numeração

Diferentes normas da ABNT referem-se à numeração das páginas. Segundo a NBR 14724/2001, todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas seqüencialmente, mas não numeradas.³⁷ Mas a NBR 6029, determina que os números não devem aparecer na falsa folha de rosto, [capa] na folha de rosto, nas páginas dos elementos pré-textuais nem nas páginas de abertura de capítulos [capitulares], mas, são todas contadas.³⁸

A norma diz ainda que a numeração poderá ser em algarismos arábicos, em algarismos romanos apenas na parte pré-textual, iniciando-se a numeração em algarismos arábicos a partir da parte textual. Em nosso caso particular os números contarão em cima do lado direito da página (vide, na presente página). Enquanto que a NBR 10719, estabelece que as páginas devem ser numeradas seqüencialmente por meio de algarismos arábicos, começando pela introdução, a qual deverá iniciar o texto do trabalho em página com numeração ímpar após o sumário, e que a numeração seqüencial de páginas deve continuar até o final do trabalho.

Portanto, sugere-se que as páginas devem ser contadas a partir da folha de rosto do trabalho. A enumeração das páginas anteriores ao capítulo de introdução, poderão ser feitas com algarismos romanos minúsculos, e.g.: (i, ii, iii, iv,v,vi) [somente para o *sumário* como opcional]. Apesar de contadas, não são numeradas a capa, a folha de rosto, e as páginas dos elementos pré-textuais, como a nominata, a catalogação, a folha de aprovação, a dedicatória, agradecimentos, epígrafe, sumário, listas e *abstract*.

Os números das páginas de abertura de capítulos e seções são omitidos. As páginas dos capítulos e anexos, após a Introdução, são numeradas em seqüência, em algarismos arábicos. O número de cada página deve ser escrito no canto superior, sendo o último algarismo alinhado com a margem direita do texto.³⁹

³⁷ NBR 14724. 2. ed. Rio de Janeiro: 2006.

³⁸ NBR 6029. Rio de Janeiro:2001.

³⁹ GRESSLER. Op. Cit., pp. 214-215.

3.3.3 Tipos de fontes

A impressão deve ser feita em letras bem definidas e sólidas, para todos os trabalhos científicos. O tipo de letra usado na elaboração do texto deve ser o *Times New Roman*, ou *Arial simples*, evitando-se tipos inclinados, os de fantasia e góticos.

Para a composição do texto científico as normas estabelecem fonte tamanho 12, para a sua escrita mas, para os títulos, [no caso de abertura de capítulos] fonte tamanho 14, caixa alta em negrito e para as notas de rodapé ou ao pé da página e textos de quadros, tabelas e citações diretas, quando forem longas fazer uso da fonte tamanho 10 com discriminação *supra* mencionada.

3.4 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Normalmente nos TCCs, e monografias diversas, se estabelecem o seguinte: capa, página ou folha de rosto, ficha catalográfica (constando no verso da folha de rosto), nominata (opcional), folha de aprovação, dedicatória (opcional), agradecimentos (opcional), epígrafe (opcional), resumo em língua vernácula do país, ou lugar de publicação; resumo em língua estrangeira (opcional), sumário, lista de ilustrações (opcional), lista de abreviaturas e siglas (opcional) e lista de símbolos (opcional). Faremos menção somente aos elementos obrigatórios, sendo que os outros já fazem parte pictórica da composição do presente trabalho.

3.4.1 Capa e folha de rosto

Os elementos da capa devem ser situados na seguinte ordem: (1) nome da instituição e do departamento ou coordenação e do curso em caixa alta fonte 14, escrito em negrito; (2) nome do autor (es) será escrito em caixa alta fonte 12 normal (responsável pela composição do trabalho, número de volumes se tiver mais de um); (3) tema também será escrito em negrito e sub-tema do trabalho se houver, deve ser evidenciada a sua subordinação ao título principal; precedido de dois pontos (:) e será escrita normal ou em *itálico*; (3) e (4) local e data [ano].

Devem constar na folha de rosto os seguintes itens: (1) nome da instituição e do departamento ou coordenação e do curso em caixa alta fonte 14, escrito em negrito; (2) nome do autor (es) em caixa alta normal em fonte 12; (3) tema do trabalho será escrito em negrito e sub-tema se houver, será escrito em caixa alta normal ou em *itálico* e especificação do respectivo volume; (4) natureza do trabalho (resumo, tese, dissertação e etc.) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da disciplina escrito em negrito em caixa alta e área de concentração; nome do ministrador ou orientador e, se houver, do co-orientador; local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado; e ano.

Vide *supra* mencionado, tanto a capa quanto a folha de rosto uma ou outra, ou as duas, são elementos indispensáveis em qualquer trabalho de cunho acadêmico dos cursos superiores.

3.4.2 Ficha catalográfica

Este elemento de um trabalho científico deve ser localizado no verso da folha de rosto, de acordo com o código de catalogação Anglo-Americano – (CCAA2). Sugere-se que esta ficha seja elaborada sob a orientação de um bibliotecário; e.g.: *supra* mencionada no presente manual. Este elemento é obrigatório no caso de publicação do trabalho ou quando este é recomendado, para fazer parte do acervo de monografias da instituição onde o pesquisador tem ligações peculiares.

3.4.3 Errata

A errata consiste em uma lista das páginas e linhas em que os erros ocorreram, seguidas das devidas correções. Como elemento opcional, nem todos os trabalhos trazem errata. Havendo errata, esta deve ser inserida antes da folha de rosto, e deve ser apresentada em uma folha de papel avulso encartado ao trabalho depois de impresso.⁴⁰

3.4.4 Folha de avaliação

Este elemento deve ser apresentado na seguinte ordem: (1) tema do trabalho em negrito e caixa alta fonte 14, o subtítulo se houver será precedido de dois pontos e será escrito em caixa

⁴⁰ FACHIN. Op. Cit., p. 161.

alta normal ou em *itálico* fonte 14; (2) nome do autor (es) do trabalho, em caixa alta normal fonte 12; (3) a natureza do trabalho (se TCC, ou monografia), como requisito final ou parcial para obtenção de grau de Bacharel em teologia e et.al., pela FATBE - Faculdade Teológica Batista Equatorial; (4) nome do orientador ou orientadores; (5) nome dos componentes da banca examinadora; (6) data de aprovação e (7) conceito.

3.4.5 Resumo na língua local

Normalmente é um texto escrito depois da redação do trabalho. Um resumo elaborado dentro dos padrões da boa escrita deve conter entre outras coisas: o que se pretendeu fazer, os principais dados ou fatos que apóiam o que se encontrou e recomendações do que se deve fazer. Pode também abranger as razões que justificam a elaboração do trabalho e como foram obtidos e analisados os seus dados. Para Gressler:

Devem ser excluídos do resumo os exemplos, as referências a experiência de outros, citações, números de tabelas ou figuras. Além da língua de origem, usa-se fazê-lo em inglês (*Abstract*) e francês (*Resume*), mas nada impede que seja também feito em outras línguas.⁴¹

A norma 6028 da NBR recomenda que os resumos (*Abstract*) que devem ter até 100 palavras, para notas e recomendações breves; até 250 palavras, para monografias e artigos; até 500 palavras para relatórios, dissertações e teses.⁴² Deve ser seguido das palavras representativas do conteúdo do trabalho, ou palavras-chave. No caso de TCCs, deve-se ter no máximo uma lauda. O resumo (*abstract*) como elemento pré-textual, as citações longas, as referências bibliográficas e as notas de rodapé são escritas em espaço simples.

3.4.6 Sumário

O sumário, de acordo com normas e a prática da publicação escrita, é a indicação das principais divisões do trabalho, tais como: capítulos, seções, partes, e etc. Estes devem aparecer na mesma ordem em que aparecem no sumário e que são reportados às suas

⁴¹ GRESSLER. Op. Cit., p. 221.

⁴² NBR. Rio de Janeiro: 6028.

respectivas páginas. Os espaços vazios entre a última palavra e o número da página, são preenchidos com pontos. O sumário não pode ser confundido com índice ou lista.

Em textos de língua francesa, essa parte denomina-se *table de matières*; em inglês, chama-se *contents*. O sumário deve figurar obrigatoriamente antes da introdução, no início do trabalho, permitindo assim a localização rápida das partes desejadas. A ordenação do sumário deverá seguir a forma utilizada no conteúdo do trabalho.

3.5 ELEMENTOS TEXTUAIS

Um trabalho científico bem constituído deve conter elementos textuais como uma introdução, um desenvolvimento que por sua vez deve se referir a uma revisão bibliográfica ou a metodologia e material aplicado na pesquisa, constando os resultados, as análises e as discussões; e deve constar de uma conclusão que normalmente conterá algumas aplicações e considerações finais.

3.5.1 Introdução

A introdução tem por objetivo explicar os motivos que levaram o autor a realizar a pesquisa, deixando o leitor apto para compreender a problemática abordada dando informações do tema, dos principais termos mencionados na pesquisa, os caminhos percorridos pelo pesquisador, as fontes e os métodos empregados.

Na introdução, o tema deve ser contextualizado, deve haver indicação dos objetivos, formulação dos problemas e de hipóteses que apontem os diversos aspectos do problema. Ela deve conter justificativas da escolha do referido tema, por um número indicado de motivos. Deve conter delimitação precisa das fronteiras da pesquisa e ainda, certa referência às fontes de material, aos métodos seguidos, às teorias ou conceitos que apóiam o desenvolvimento, à argumentação, às eventuais faltas de informações e ao instrumental utilizado.⁴³

Na introdução, evita-se discursos e considerações inconvenientes, deve-se evitar também, introduções com histórias que remetem à questões de antecedentes remotos, descrevendo e

⁴³ NBR-14724. **Trabalhos acadêmicos: apresentação e partes constitutivas**. Rio de Janeiro: 2005, p. 3.

analisando demoradamente tais questões. Evita-se ainda, introduções exemplificadas, nas quais são apresentados exemplos ilustrativos cheios de detalhes sobre o tema e ainda, evita-se introduções que anunciam os resultados alcançados por meio da pesquisa, pois essa parte será colocada na conclusão. Normalmente, as introduções são escritas numa perspectiva de futuro.

3.5.2 Desenvolvimento

Essa é a parte principal do texto que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Dividida em capítulos, seções e subseções que variam em função da abordagem metodológica e de seu referencial teórico. Essa parte também consiste na fundamentação lógica do trabalho, cuja finalidade é expor as principais idéias. Abrange a apresentação dos dados obtidos, análise e interpretações, discussões e et.al.

Um bom desenvolvimento deve constar de: fundamentação, metodologia, material ou método, resultados e análise. (1) A fundamentação consiste na análise das informações e coletas das diferentes fontes mencionadas, proporcionando o *background* sobre o assunto em questão. (2) A metodologia trata da descrição do material ou o método utilizado na investigação e dos instrumentos usados no processo de seleção dos dados. Essa descrição deve ser precisa, de forma a possibilitar outro investigador a reaplicação dos dispositivos empregados no processo. (3) O resultado apresenta os dados e informações obtidos, o que poderá ser feito por meio de tabelas, figuras etc. (4) Análise é a avaliação dos resultados, é a confirmação ou rejeição das hipóteses por meio da comparação dos índices percentuais, médias, estatísticas ou aplicações argumentativas onde o pesquisador se fundamenta para argüir suas proposições.⁴⁴

3.5.3 Conclusão

A conclusão ou considerações finais é o nome dado à seção que arremata o trabalho. Não é uma nova idéia ou um simples fecho, mas, é a afirmação definitiva que justifica e integraliza o trabalho. A conclusão deve estar em consonância desde o ponto de partida, sob a forma de hipótese plausível que, após a pesquisa que constitui todo o trabalho, se transforma em certeza,

⁴⁴ NBR 14724: Op. Cit., p. 3.

ou pelo menos, em uma mais provável hipótese. A conclusão pode ter seu ponto de partida no tema, problema, hipótese, questões de estudo, ou nos objetivos.

Na conclusão também constará as deduções lógicas baseadas e fundamentadas no texto, para solucionar problemas, comprovar ou rejeitar hipóteses, responder às questões de estudo e demonstrar o alcance dos objetivos. Na conclusão apresenta-se o resumo dos resultados que levaram a estas deduções e, a partir delas, apresentar as inferências que o estudo venha a permitir.

Para os versados no assunto, como Gressler, a conclusão vem a ser uma análise interpretativa, um arremate crítico unificador, que poderá conter: (1) a idéia-tema expressa na introdução, que poderá ser apresentada em forma de problema, hipótese, ou objetivo, seguida da solução para o problema, confirmação ou rejeição da hipótese e alcance do objetivo; (2) a síntese integradora das partes constitutivas do trabalho; (3) comparação com outras investigações ou com opiniões de autoridades no assunto; (4) a extensão do trabalho, até onde seus resultados poderão ser válidos; (5) as sugestões de possíveis alternativas para a solução do problema, ou sugestões para novos estudos, com outros enfoques, mais amplos ou correlatos; (6) as dificuldades encontradas no decorrer do desenvolvimento da investigação que ocasionam limitações no estudo.⁴⁵

3.6 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Devem constar como elementos pós-textuais as referências bibliográficas, anexos apêndice e [índices] glossário. Destes elementos, somente as referências são obrigatórias em qualquer trabalho de cunho científico.

No caso de um trabalho que envolva pesquisa de campo ou pesquisa experimental alguns dos elementos que figuram como não obrigatórios passam a ser, como os anexos, contendo mapas, fotografias, modelo de planilhas ou tabelas e dados da pesquisa realizada.⁴⁶

⁴⁵ NBR 6028. *Apud* GRESSLER. Op. Cit., pp. 226-227.

⁴⁶ NBR 14724. Rio de Janeiro: 2005, p. 4.

3.6.1 Referências

De acordo com a norma 6023 da ABNT, as referências constituem-se em um conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permitem identificação individual. Por documento, entende-se que qualquer fonte que contenha informação registrada ou não, formando uma unidade, que venha servir para consultas, estudo ou prova (confira o capítulo 5 sobre referências bibliográficas).⁴⁷

Como elemento obrigatório na apresentação de um trabalho acadêmico, as referências podem aparecer em notas de rodapé ou no final de cada capítulo, o que não evita que apareçam, no final do trabalho. As referências podem ser ordenadas de acordo com a metodologia ou orientação utilizada para a elaboração do texto da seguinte forma: numérica, alfabética, cronológica e geográfica. Porém, o padrão desta instituição é o sistema numérico em notas de rodapé.

No caso de haver necessidade de se fazer referência à algum material sem alusão específica na elaboração do trabalho, deve ser elencada sobre os títulos de: Bibliografias consultadas ou Bibliografias recomendadas.

3.6.2 Apêndice

O apêndice é um elemento referencial opcional que consiste em um texto, ou documento elaborado pelo autor, para complementar sua argumentação ou apresentação sem que a unidade sofra desconexão da idéia central. Os apêndices são identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão, e pelos respectivos títulos. Entre outros elementos podem fazer parte do apêndice fichas de informações, formulários, roteiros de entrevistas, modelos de questionários, fotografias e figuras de autoria de quem realizou o trabalho.

3.6.3 Anexos

Elemento referencial opcional, que consiste em um texto ou documento não elaborado pelo autor, que normalmente serve de fundamentação, comprovação e ilustração. Os anexos

⁴⁷ ABNT: 6023. **Referências**. Petrópolis: 2002.

são identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão, e pelos respectivos títulos; com o mesmo tamanho da fonte usada na abertura de capítulos. Fazem parte do anexo, recortes de jornais, mapas, figuras, estatutos, balanços, fotografias e ilustrações de autoria alheia a quem elaborou o trabalho.⁴⁸

3.6.4 Glossário

Glossário é um elemento opcional, contendo uma lista em ordem alfabética de palavras ou expressões técnicas de uso restrito, utilizadas no texto, acompanhadas das respectivas definições, de acordo com as normas se localiza após a lista das referências, ou da bibliografia final.

3.6.5 Índice

O índice é a enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, com a indicação de sua localização no texto. Mesmo sendo um elemento opcional, o índice é comum em livros, aparecendo no final dos mesmos. Exemplos: índice onomástico (quando se enumera nomes de pessoas), índice remissivo (índice alfabético de diversos temas ou assuntos tratados numa obra com a indicação da página).

⁴⁸ GRESSLER Op. Cit., p. 228.

4. AS CITAÇÕES

As citações são elementos retirados dos documentos pesquisados e que se revelam úteis para sustentar ou contestar as idéias desenvolvidas pelo autor no decorrer de seu raciocínio, identificar o autor das idéias apresentadas e permitir o acesso ao texto original.⁴⁹

É importante que se cite pouco e se escreva bastante, isto porque citar é uma das tarefas mais complexas na comunicação científica, tanto no que se refere ao diálogo com autores, e quanto ao aproveitamento do seu pensamento e à correta documentação do material empregado.

De acordo com a NBR 10520, e da ABNT, sobre citações é apresentada as seguintes definições: Citação: “é menção, no texto, de uma informação extraída de outra fonte”.⁵⁰ As citações podem ser diretas, indiretas e parafraseadas (que são citação de citação).

A citação direta: é a transcrição textual dos conceitos do autor consultado, que pode ser *curta*, não ultrapassando três linhas ou longa acima de três linhas, neste último caso, será discriminada de margem em recuo de 4 cm e fonte 10 e será transcrita em espaço simples no texto, separada do mesmo por dois espaços da composição do texto (vide no presente trabalho).

A citação indireta: é a transcrição livre do texto do autor consultado, e às vezes são chamadas de *parafrases* ou *citações livres* (grifo nosso) neste caso as idéias são do autor, mas, a composição escrita é de quem está se utilizando de tais idéias.

A citação de citação: é a transcrição direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original (esse tipo de citação será descrita pelo termo *apud*).

⁴⁹ Ibid., p. 235.

⁵⁰ NBR. 10520. **Citações em documentos**. Rio de Janeiro:: 2002.

4.1 TIPOS DE CITAÇÃO

Citar, além de ser uma arte, envolve algumas regras e critérios dependendo da fonte e do tipo de citação que se fará. Citar por citar, sem obedecer aos critérios e normas estabelecidas, é construir um texto fora do padrão e, portanto, sujeito à reprovação.

4.1.1 Citações textuais ou *ipsis litteris*

São chamadas de transcrições ou citações textuais as citações transcritas *ipsis litteris* que reproduzem as próprias palavras do autor, respeitando-se todas as características formais, concernentes à redação, ortografia e pontuação.

Esse tipo de citação, se for longa normalmente terá espaço duplo entre o texto supra e o infra constituídos, terá recuo de 4 cm., da margem esquerda e será escrita em espaço simples, com fonte dez ou menor que a usada no texto da composição do trabalho dispensando o uso de aspas, q.v. pgs. 17 - 22.

As diretrizes orçamentárias são as leis que normatizam as metas e propriedades da administração municipal, incluindo despesas de capital para o exercício financeiro subsequente, orientação para a elaboração da lei orçamentária anual, além de dispor sobre as alterações na legislação tributária local. As propostas de leis das diretrizes orçamentárias devem ser aprovadas no primeiro período legislativo.⁵¹

Apresentar-se-á um caso de citação direta longa e mais uma direta curta, e.g.: “A análise e interpretação dos dados representa a aplicação da lógica dedutiva do processo de investigação”.⁵² No caso de uma citação textual curta até três linhas – esta vem incorporada ao parágrafo, entre aspas duplas como já observado. Quando a citação textual já contém expressões ou palavras entre aspas, estas são transformadas em apóstrofos ou aspas simples.

Quando, na citação textual, houver lapsos, incorreções ou incoerências no texto original, o pesquisador deve identificá-los, colocando a expressão [*sic*] (do latim = tal qual, assim mesmo) entre colchetes. Exemplos: “A farmácia [*sic*] localizada à rua Duque de Caxias

⁵¹ CORREIA, A. **Redija**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001, p. 84.

⁵² BEST, J. *Como investigar en educación.*, Boenos Ayres: 2003, p. 142.

sempre estava suja”. “A *pharmacia* [farmácia] localizada à rua Duque de Caxias sempre estava suja”.⁵³

Na citação textual, quando se pretende dar ênfase a alguma passagem, costuma-se grifá-la. Esta alteração, no entanto, deve ser assinalada com a expressão; “o grifo é meu” ou “o grifo é nosso”, colocado, logo após a passagem grifada, entre colchetes de acordo com a tradição; e.g.: “Para ser um *bom pesquisador* [grifo nosso] não são necessários dotes excepcionais. Deve porém, ser *persistente e disciplinado* [grifo do autor] em suas investigações”.⁵⁴ Se o destaque, porém, é do autor citado, registra-se assim: [o grifo é do autor ou grifo do autor], também entre colchetes.

4.1.2 Citações livres ou paráfrases

São chamadas de citações livres ou paráfrases as que apenas são comentadas e parafraseadas, sendo as idéias de outrem, sem a reprodução de termos exatos. Esse tipo de citação também é chamado de citação *livre*, onde a idéia original é reescrita em outras palavras. Segue-se aqui um exemplo de citação livre, segundo J. Best, o processo de indução e dedução constituem elementos de análise e interpretação dos dados em uma pesquisa.⁵⁵ E ainda, Rubens Alves, entende que a passagem da pessoa para a função se dá quando o educador se torna apenas professor.⁵⁶

4.1.3 Citações diretas

São aquelas que reproduzem diretamente o texto original, e.g.: De acordo com Rubens Alves: “A ciência é uma função da vida. Justifica-se apenas enquanto órgão adequado à nossa sobrevivência. Uma ciência que se divorciou da vida perdeu a sua legitimação”.⁵⁷

Essa citação é a que traz o conteúdo original utilizado, transcrito entre aspas ou em *itálico*, a critério da metodologia adotada pelo pesquisador; e.g.: Rubem Alves afirma que: “de educadores para professores, realizamos o salto de pessoa para função”.⁵⁸

⁵³ LIMA, Josué da Silva de. *Ad tempora*. 2009.

⁵⁴ GRESSLER. Op. Cit., p. 238.

⁵⁵ BEST, J., *Apud* GRESSLER. Op. Cit., p. 144.

⁵⁶ ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**. São Paulo: Ars Poética, 1996, p. 32.

⁵⁷ GRESSLER. Op. Cit., p. 236.

Ainda que não haja um limite de tamanho para as citações diretas longas, mas, o escritor deve ficar abaixo de 15 linhas, e quando ultrapassar 3 linhas, haverá o destaque supra mencionado.

4.1.4 Citações indiretas

As citações são indiretas quando reproduzem uma fonte intermediária, ou seja, quando os dados não são retirados da obra que se encontra a mão do pesquisador, mas, quando essa obra menciona outra, a obra original. A essa citação a ABNT, chama de citação de citação, de acordo com as normas NBR 10520, de 2001, será acrescido após os dados da fonte de onde a tiramos o termo *Apud* em seguida a fonte de onde a nossa fonte em questão tomou a sua base e poderá ser *ipsis litteris* ou não [e.g., de citação literal ou parafraseada].

4.1.5 Citações de fontes orais

São àquelas obtidas por meio de entrevistas, depoimentos, discursos e exposições. De acordo com a ABNT: “quando se tratar de dados obtidos por informação oral (palestras, debates, comunicação etc.), indicar entre parênteses a expressão ‘informação verbal’, mencionando-se os dados disponíveis, somente em notas de rodapé”.⁵⁹ Exemplo: Arthur Swensson, constatou que “o centro urbano de Dourados é procurado por parte da população de dezessete outros municípios para o fornecimento de todos os tipos de bens e serviços”⁶⁰ (informação verbal).

Outra forma é usar os termos em latim já mencionados, e.g.: Para o Pr. Josué Lima, a alegria mencionada pelo Apóstolo Paulo em Filipenses 4.4; “trata-se de um estado de espírito que Cristo concede ao cristão, não dependendo de circunstâncias e sim, de uma comunhão espiritual firmada nas promessas que Cristo faz ao que crê”⁶¹ (*ipsis verbis*) ou (*impississima vox*).

⁵⁸ ALVES. Op. Cit., p. 35.

⁵⁹ NBR 10520. **Citações em documentos**. Petrópolis: 2002.

⁶⁰ SWENSSON, Arthur *Apud* GRESSLER. **Entrevista: estrangeiro radicado no estado de Goiás**. 5 de setembro de 2004.

⁶¹ LIMA, Josué. **Alegrai-vos no Senhor**: (Sermão proferido na capela do STBE, em 15 de março de 2006, às 20.00hs.).

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS CITAÇÕES

Podem ocorrer algumas alterações com recriações no texto tais como: elipses, interpolações e destaques, as quais devem ser registradas, conforme normas estabelecidas para o bem da boa escrita.

4.2.1 Citações com Elipses

Trata-se de uma supressão de palavras ou frases. Não havendo necessidade de ser citado a frase ou o parágrafo completo. Basta ser transcrito a unidade do pensamento ou idéias que interessam ao desenvolvimento da argumentação ou à apresentação da informação.

A supressão deve ser indicada com o sinal (...). e.g.: “A dimensão completa da vida e do trabalho de um supervisor-educador, intelectual e criativo (...) desdobra a sua prática pedagógica em todos os níveis em que é necessário vivê-la”.⁶² A supressão e a omissão são permitidas, desde que, isso não lhe altere o sentido.

A supressão de um parágrafo completo ou de diversos parágrafos, deve ser indicada por uma linha pontilhada; e.g.: Para Salvador: “Citar é como testemunhar num processo. Precisamos estar sempre em condições de retomar o depoimento que é fidedigno.

.....
 Por isso, a referência deve ser exata e precisa, como também averiguável por todos”.⁶³

4.2.2 Citações com Interpolações

Trata-se de um acréscimo de palavras ou frases. Acontece quando ocorre a necessidade de se acrescentar uma palavra ao texto citado, para uma melhor coordenação ou compreensão, e devem ser indicadas por um sinal [signo]. e.g.: “A dimensão completa da vida e do trabalho de um supervisor educador [realmente] intelectual e criativo”.⁶⁴ De acordo com Josué Lima:

⁶² AZEVEDO. Op. Cit., p. 121.

⁶³ SALVADOR. *Apud* GRESSLER. Op. Cit., p. 239.

⁶⁴ AZEVEDO. Op. Cit., p. 121.

“o presente manual é apresentável de forma pictórica [ilustrativa], que dispensa certas explicações.”.⁶⁵ (citado de memória).

4.2.3 Citações em língua estrangeira

Na citação de trechos em língua estrangeira, como o pesquisador precisa escrever o seu texto em uma única língua, a não ser em casos excepcionais; se faz necessário a tradução da citação da fonte de onde a mesma foi tirada e a poderá ser traduzida dentro do próprio texto ou nas notas de rodapé e será escrito em itálico. Em caso de anexos, o texto deve ser colocado em sua língua de origem, onde as citações por ordem crescente serão elencadas. Quando houver esse tipo de citação direta, tanto curta como longa, a sua tradução será escrita com destaque em itálico e sua transcrição de modo normal. Para R. Kuiper, a igreja é: *O glorioso corpo de Cristo*.⁶⁶

4.2.4 Citações em notas de rodapé

Notas e nótulas são anotações colocadas, preferencialmente, ao pé da página (notas de rodapé); que podem ser tanto de referências como explicativas. As de referência têm por objetivo identificar as citações, indicando as fontes consultadas ou remeter a outras partes da obra onde o assunto foi abordado ou para explanações adicionais. Em algumas obras de orientação metodológica esse modelo é chamado de “sistema numérico”.

As notas de rodapé devem ficar separadas do texto conforme o espaço de entrelinhas do próprio texto. Mas em relação a sua localização, ficarão separadas por um espaço simples de entrelinhas com a mesma medida do texto do trabalho [3cm] a partir da margem esquerda.

A primeira nota de referência de uma obra deve ser completa e sua numeração é feita por algarismos arábicos, sobrescritos, antecedendo a nota. A sua chamada deve ser feita pelo sobre nome do autor em *caixa alta* que deve ser digitada em fonte tamanho 10 e o título da obra com destaque em *itálico* e o subtítulo em normal se houver (grifo nosso).⁶⁷ As notas

⁶⁵ LIMA, Josué. *Ad-tempora*, In: **manual de normalização**. Belém: 2009. (vede introdução).

⁶⁶ KUIPER, R.B. *The Church*. Glasgow: Bell & Bain Ltd, 1999. p 26 (*The Glorious Body of Christ*)

⁶⁷ GRESSLER. Op. Cit., p. 242.

devem ter numeração consecutiva para todo o trabalho, capítulo ou parte, dependendo da extensão ou natureza do mesmo.

A forma de localização mais encontrada é ao pé da página para as explicativas e para as bibliográficas também, reunidas todas no final do informe científico como elemento pós-textual obrigatório. É importante frisar, que esse sistema também é chamado *numérico* (grifo nosso), sendo adotado a partir de deferimento favorável dos coordenadores acadêmicos da instituição ao ser definida a sua metodologia, como visto no presente trabalho.

4.2.5 Citações autor, data e página

Neste sistema, de acordo com a ABNT (NBR 10520, 2001, p.3), “a indicação da fonte é feita pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável, ou ainda, pelo título de entrada, seguido da data de publicação do documento, separados por vírgula e o número da página entre parênteses”.⁶⁸

Quando a citação não é textual (*ipsis litteris*), a indicação de paginação não é obrigatório exemplo: Ainda hoje, mais de 90% das informações coletadas são sobre dados e eventos internos (DRUCKER, 1997). No caso de citação formal (*ipsis litteris*), acrescenta-se a página de onde esta foi retirada. Exemplo: “A tentativa de trazer para o interior das ciências sociais a lógica do experimento é pelo menos tão velha quanto o empirismo”. (DEMO, 1980, p. 132). Quando houver coincidência de autores com o mesmo sobrenome e data de edição será acrescentado as iniciais de seus nomes; e.g.: (CASTRO, H., 1998) e (CASTRO, C., 1998).

Quando ocorrer, as citações de diversos documentos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, elas devem ser distinguidas pelo acréscimo de letras minúsculas, após a data, e sem espaçamento. Exemplo: (CASTRO, 1998a) e (CASTRO, 1998b). Quando o sobrenome ou pronome [nome] do autor for colocado fora do parêntesis, somente as iniciais serão em caixa alta, e.g.: Castro (1998b), Carlos Castro (1998).

Na adoção desta modalidade, todas as citações feitas no decorrer do texto são incluídas na em uma lista de referências citadas e organizadas em ordem alfabética, numeradas ou não,

⁶⁸ Ibid., p. 240.

ao final do trabalho e, opcionalmente, no final de cada capítulo. Ao referir-se às bibliografias do final do trabalho Humberto Eco, faz a seguinte colocação:

Não se pode dizer que se as obras citadas já aparecem em nota, não será necessária a bibliografia final; na verdade, a bibliografia final serve para se ter uma [visão] panorâmica do material consultado e para dar informações globais sobre a literatura referente ao tema, sendo pouca gentileza para com o leitor obrigá-lo a procurar os textos página por página nas notas.⁶⁹

Entende-se que as referências bibliográficas são elementos pós-textuais de um trabalho científico, e que são obrigatórios consistindo de um conjunto de elementos padronizados, descritivos e retirados de um documento, que permite a sua identificação individual ao máximo de acordo com a NBR 6023.⁷⁰

⁶⁹ ECO, Humberto. *Apud* GRESSLER. Op. Cit., p. 241

⁷⁰ NBR. 6023. **Referências**. Rio de Janeiro: 2002.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A identificação das fontes consultadas e citadas para a elaboração de um trabalho científico, é feita por meio do registro de um conjunto de elementos descritivos retirados dessas fontes, que constitui a sua referência. Segundo a NBR: 6023, “a referência é constituída de elementos essenciais e, quando necessário, acrescida de elementos complementares”.⁷¹

5.1 OS ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

Os padrões para apresentação dos elementos que compõem as referências aplicam-se a todos os tipos de fontes e/ou obras. Mas, dependendo da fonte mencionada haverá uma forma de catalogá-la.

5.1.1 Autor Pessoal

Indica (m) -se o(s) autor(es) pelo último sobrenome, em letras maiúsculas, seguidos do(s) pronome(s) e outros sobrenomes abreviados ou não. Os nomes devem ser separados por ponto-e-vírgula.

Exemplo de bibliografias com um autor:

CORREIA, Jovina Nevoleti. **Processo legislativo municipal**. Dourados: IPEJUR, 2000.

Exemplo com dois autores:

SALVADOR, A. D.; KAPLAN, A. **A conduta na pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

⁷¹ NBR. 6023. Op. Cit., 2002.

Exemplo com três autores:

NASCIMENTO, Adir; GRESSLER, Lori; RESENDE, Lúcia. **Instrumentos para coletas de dados**. Campo Grande, MS: UFMS, 2000.

Exemplo com mais de três autores: Quando existirem mais de três autores, indica-se apenas o primeiro, acrescentando-se o termo *et alii* ou abreviado *et al.*

SPERB, Dalilla; et al. **Currículos e programas**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 2000.

Em casos específicos (projetos de pesquisa científica, indicação de produção científica em relatórios para órgãos de financiamento etc.), nos quais a menção dos nomes for indispensável para certificar a autoria, é facultado indicar todos os nomes, separados por ponto e vírgula, seguido de espaço. e.g.:

VASCONCELOS, Luiza; FINGER, Delcy; NASCIMENTO, Adir; RACHI, Kiyoshi. **Evasão fiscal no Mato Grosso do Sul**. Campo Grande-MS: Loyola, 2000.

Quando houver indicação de responsabilidade pelo conjunto da obra, em coletâneas de vários autores, a entrada deve ser feita pelo nome do responsável, seguida da abreviação, no singular, do tipo de participação (organizador, compilador, editor, coordenador etc.); entre parênteses. e.g.:

VASCONCELOS, Luiza (Org.). **O ensino da gramática**. 5. ed. Curitiba: Record, 2000.

Exemplo com autoria desconhecida: em caso de autoria desconhecida, a entrada é feita pelo título, sendo a primeira palavra escrita em *maiúsculo*, inclusive o artigo que o preceder.⁷²

O PROCESSO de demarcação das terras dos índios Kaiwá. Brasília: FUNAI, 2000.

Autoria com pseudônima. No caso da obra ser publicada sob pseudônimo, este deve ser adotado na referência.

PRETA, Stanislaw P. *Tio Epaminondas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

⁷² NBR. 6023, 2003.

Quando necessário, acrescentam-se outros tipos de responsabilidade logo após o título, conforme aparecem no documento.

CARNEIRO, Ana Maria. **Guia prático para babá**. Prefácio e notas: Vera Carbonari. São Paulo: Loyola, 2000.

Quando o autor é o mesmo em obras diferentes.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Tr. Odayr Olivetti. São Paulo: LPC, 1990
 _____. **História das doutrinas cristãs**. Tr. Heber C. de Campos. São Paulo: PES, 1996.

5.1.2 Autores estrangeiros

Autores estrangeiros de sobrenomes compostos, às vezes, conforme índole das várias línguas, o sobrenome do autor contém mais de um elemento. Isso se deve a herança de sobrenomes tanto paternos como maternos, sendo o penúltimo o sobrenome herdado do pai e que, por isso, abre a referência.

Autores Espanhóis, entra-se pelo penúltimo sobrenome, que é o determinante do nome paterno. e.g.:

PEREZ Y PEREZ, Franco. *Dio como te amo*. Roma: Litterata, 2004.

SANZ ENGAÑA, Carlos.

ALEMAN VALDES, Miguel.

Autores alemães com prefixos: entrar pelo prefixo, se o mesmo consistir num artigo ou contração da preposição com o artigo. Os prefixos den, der, van, von, van't; normalmente não fazem parte do nome.⁷³

AM THYM, August.

AUS'M WEERTH, Ernst.

VOM ENDE, Erich.

WEID, Elisabeth von der.

⁷³ NBR. 6023, 2003.

LINDE, Class van der.

Autores ingleses e americanos com origens de outras nacionalidades, se deve entrar pelo prefixo.

VAN BUREN, Andrey. *The American schools*. Los Angeles: Papers, 2005.

VAN DER POST, Charles. *The windows*. New York: Lonely, 2003.

VON BRAUM, William. *A Spring's love*. Chicago: Coly Press, 2000.

Nomes árabes com prefixos. Entra-se pelo prefixo artigo ligados por hífen.

ABOU-SAID, Noarl.

ABDUL-NOUR, Soraya Dib.

AL-JASIN, Muhammad Hasan. **O Taliban não é o que parece**. Tr. Camilo Al-Jasin. Foz do Iguaçu-PR: Abba press, 2000.

Nomes Escoceses, deve-se entrar pelo prefixo.

McDONALD, D. Robert.

McDOWELL, Josh; HOSTETLER, Bob. **Certo ou errado**. Tr. Neyd Siqueira. São Paulo: Candeia, 1997.

Nomes Irlandeses ou de descendência irlandesa.

A'BECKETT, Gilbert. *Sun and Moon*. Glasgow: Petter Pan, 1989.

O'NEAL, Ernest. *Come back to home*. [s.l.]. Agle, 1999.

O'SEA, Mary. *A Woman in work*. Hamburg: [s.ed.], 1989.

Nomes Italianos, deve-se entrar pelo prefixo. Os mais comuns têm as seguintes formas: de, de', degli, dei, de ti. e.g.:⁷⁴

D'APPICE, Dante. *La bella Itália*. Veneza: Di Fiori, 1999.

DELLA MANNA, Giovani. **O carrasco bom**. Tr. Paolo Lonergan. São Paulo: Paulinas, 2002.

DI FIORI, Emilio. **Iguarias na Itália**. Petrópolis: Papyrus, 2004.

⁷⁴ NBR. Loc. Cit.

Nomes de autores franceses. Entra-se pelo prefixo, se este consistir de um artigo ou contração do artigo com a proposição. Exemplos:

DES GRANCES, Charles. **França linda e bela**. Tr. Antonio Joaquim. São Paulo: CULTURA FRANCESA, 2000.

DU MAURIER, Daphne. **Le' monde**. Paris: Dolph, 2004.

DE GAULLE, Charles Joseph Marie. **Neve na picarddia**. Tr. Batista Mondin. São Paulo: Paulinas, 1999.

5.1.3 Autores brasileiros de sobrenomes compostos

Nomes de autores brasileiros de sobrenomes compostos, seja por formarem unidade *semântica, seja por estarem ligados por hífen, serão catalogadas da seguinte forma.⁷⁵

CASTELO BRANCO, Camilo. **A porta que se abre**. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA LIMA, Lauro de. **O samba de roda do Rio de Janeiro**. Volta Redonda-RJ: Polis, 2004.

FREIRE-MAIA, Norberto. **Cambalacho na Bahia**. São Salvador: Axé, 2001.

FROTA-PESSOA, Olegário. **O papagaio fala e canta**. Santarém: Alter, 1999.

ESPIRITO SANTO, Manoel de Jesus do. **Ave Maria é o nosso caso**. Soure: Artes Gráfica, 2000.

Autores com sobrenomes designativos de parentesco, tais como Júnior, Filho, Neto e outros, fazem parte integrante do sobrenome, não podendo abrir a referência bibliográfica.

ANTONIO NETTO, Samuel. **As idéias de Chico**. Juazeiro-CE: [s.ed.], 2000.

LOURENÇO FILHO, Benedito. **A Pescaria no estado do Amazonas**. Parintins: Cleo Editora, 2001.

JORDÃO NETO, Antonio. **A saga de Zé Nogueira**. Teresina: Gráfica Piauí, 2002.

Autores de sobrenomes compostos, quando consagrados pela literatura. Em alguns casos, apesar de não haver unidade semântica ou outro motivo intrínseco, certos autores tiveram seus

⁷⁵ SEVERINO. Op. Cit., p .91.

* Estudo da relação de significação nos signos e da representação do sentido dos enunciados. Relativo à significação.

sobrenomes compostos pelo uso da literatura específica de seus escritos. E é como tais que devem aparecer na entrada das referências bibliográficas. Exemplos:

MACHADO DE ASSIS, José Maria. **Obra completa**. São Paulo: Aurora, 2000.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. **O sítio do pica-pau amarelo**. São Paulo: Moderna, 1989.

Autores com sobrenome especial privilegiado pelo uso. Isso acontece, quando um dos elementos do sobrenome, que nem sempre é o último, acaba ficando mais conhecido e consagrado pelo uso; nesses casos inicia-se a entrada por este elemento, podendo-se inclusive omitir o último sobrenome. e.g.:

PORCHAT PEREIRA, Osvaldo e não

PEREIRA, Osvaldo Porchat ou ainda

PORCHAT, Osvaldo.

Quanto à tradução de nomes de autores estrangeiros, segue-se as mesmas regras das traduções das línguas escritas. Severino alude o seguinte:

Note-se que, em todos os casos, os nomes e sobrenomes dos autores são mantidos em suas línguas e grafias originais, não se permitindo a tradução; só há exceções para autores clássicos cujos nomes já foram aportuguesados pela tradição literária ou científica.⁷⁶

MARX, Karl e nunca: MARX, Carlos.

SARTRE, Jean-Paul e nunca: SARTRE, João Paulo. Usa-se porém, MAQUIAVEL, Nicolau.

Nos casos de obras sem autor declarado. Às vezes, os escritos não contêm indicação de autor. Neste caso, indica-se o editor ou, na falta também deste, considera-se o escrito de autor anônimo. e.g.:

MORGAN, Walter (ed.). **O trabalho manual**. Belém: Smith, 2003.

ANÔNIMO. **A guerra fria**. Osasco-SP: Papyrus, 1989.

⁷⁶ Ibid., p. 93.

5.1.4 Autor entidade

Segundo Gressler, as obras de responsabilidade de entidade (órgãos governamentais, empresas, associações, congressos, seminários etc.) têm entrada pelo seu próprio nome, por extenso. Nestes casos, como normalmente a editora é a mesma instituição responsável pela publicação, não é indicada⁷⁷. Exceto no caso de uma publicação sem vínculo restrito com tal instituição. e.g.:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL. **Caderno do vestibulando**. 2000. Campo Grande-MS: 2002.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DA UFSM. **Manifesto contra os baixos salários**. Santa Maria-MG: 2000.

Quando a entidade tem uma denominação genérica, seu nome é precedido pelo nome do órgão superior, ou pelo nome da jurisdição geográfica à qual pertence.

BRASIL. Instituto de Pesquisas Rodoviárias. **Diretrizes para a ampliação da malha viária**. Brasília-DF: 2000.

BELÉM (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Guia curricular para escolas rurais**. Belém-PA: 2002.

Quando a entidade, vinculada a um órgão maior, tem uma denominação específica que a identifica, a entrada é feita diretamente pelo seu nome. Em caso de duplicidade de nomes, deve-se acrescentar no final a unidade geográfica que identifica a jurisdição, entre parênteses.

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL. (Paris). **Um completo guia para visitantes**. Florence: Florense, 2001.

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL. (Brasil). **Roteiro para visitasões**. São Paulo: 2002.

⁷⁷ GRESSLER. Op. Cit., p. 257.

5.1.5 Título e subtítulo

O título e o subtítulo devem ser reproduzidos tal como figuram no documento, separados por dois pontos, com destaque em negrito, ou itálico para o título, em alguns casos itálico para o sub-título ou normal e.g.:

GRESSLER, Alice Lori. **Introdução à pesquisa:** projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.

CRESWELL, J. W. *Research design: qualitative & quantitative approaches*. New York: Schaum Publishing, 2002.

Quando se referenciam periódicos no todo (toda a coleção) ou quando se referencia integralmente um número ou fascículo, o título deve ser sempre o primeiro elemento da referência, devendo figurar em letras maiúsculas, como segue:

EDUCAÇÃO BASILEIRA: **feira de iniciação científica**. Brasília-DF: CRUB, vl. 21, n. 22, jan./jun. 1999.

No caso de periódico com título genérico, incorpora-se o nome da entidade autora ou editora, que se vincula ao título por uma preposição entre colchetes.

GUIA TURÍSTICO [do] **Município de Ananindeua**. Ananindeua-PA: 2002. Publicação semestral.

5.1.6 Sobre a edição

Quando houver uma indicação de edição, esta deve ser transcrita utilizando-se abreviaturas dos numerais ordinais ou cardinais e da palavra edição, ambas na forma adotada na língua do documento. A nossa forma indicada é a cardinal.⁷⁸

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. 2nd. ed. London: Sage, 2000.

⁷⁸ Ibid., p. 258.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

O nome do local (município) de publicação deve ser indicado tal como figura no documento.

RESENDE, Lúcia. **Relações de poder no cotidiano escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

No caso de homônimos de cidades ou municípios, acrescenta-se o nome do estado, ou do país depois de vírgula ou hífen, seguindo-se de dois pontos no final da última palavra.

Tauá-PA:

Tauá-MA:

Campo Grande, MS:

Campo Grande, RJ:

Viçosa, MG:

Viçosa, AL:

Oeiras, PA:

Oeiras, PI:

Quando houver mais de um local para uma só editora, indica-se o primeiro ou o mais destacado. e.g.:

VARGAS, Milton. **Metodologia da pesquisa tecnológica**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 2000.

Quando não é possível determinar o local, utiliza-se a expressão *Sine loco*, abreviada, entre colchetes.⁷⁹

JUSTISS, J. **A arte da fala**. [s.l.]: Globo, 2002.

O nome da editora deve ser indicando tal como figura no documento, abreviando-se os pronomes e suprimindo-se palavras que designam a natureza jurídica ou comercial, desde que

⁷⁹ Ibid., p. 258.

sejam dispensáveis para identificação. Nota: Na publicação: Livraria Calouste Gulbenkian Editora, e.g.: Na referência: C. Gulbenkian.⁸⁰

Quando a editora não é a mesma instituição responsável pela autoria e já tiver sido mencionada, não é indicada.

CENRO UNIVERSITÁRIO DE DOURADOS. **Avaliação dos cursos de graduação 1972-2001**. Dourados, MS: 2002.

Quando a editora não é identificada, indica-se a expressão *sine nomine*, abreviada, entre colchetes [s.n.].

SILVA, Bianca. **Ensino da Matemática**. Curitiba: [s.n.], 2002.

A data de publicação deve ser indicada em algarismos arábicos.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso**. 7.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

Por se tratar de elemento essencial para referência, sempre deve ser indicada uma data, seja da publicação, da impressão, dos direitos autorais (*copyright*) ou outra. Se nenhuma data de publicação, distribuição, dos direitos autorais, impressão etc., puder ser determinada, registra-se uma data aproximada entre colchetes, conforme indicado:

[1830 ou 1832] um ano ou outro

[1500?] data provável

[1888] data certa não indicada no item

[entre 1600 e 1610] usa-se intervalos menores de 20 anos

[ca. 1967] data aproximada.

[182-] década certa

[191-?] década provável.

[19__] século certo

[16__ ?] século provável.

⁸⁰ Ibid., pp. 259-260

Caso existam duas datas, ambas podem ser indicadas, desde que seja mencionada a relação entre elas.

DOCKHORN, Avelino. **Genealogia de Johann Friedrich Dockhorn**. Porto Alegre-RS: 1889. (impressão 1912).

Em caso de publicação periódica, indica-se a data inicial e final do período de edição, quando se tratar de publicação encerrada.

REVISTA TEXTOS. Belém: Universidade Estadual do Pará, 1977-1982. Semestral.

Quando o documento for constituído de apenas uma unidade física, ou seja, um volume, deve-se indicar o número de página ou folhas seguido da abreviatura p. ou f. É importante saber que uma folha de um livro normalmente é composta de duas páginas: anverso e verso. Alguns trabalhos, como monografias, dissertações e teses, são impressos apenas no anverso e, neste caso indica-se f.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. 550p.

MEDEIROS, F. **A escolarização como instrumento de mudança social**. Maceió: Fundação Felipe Tiago Gomes, 1999. 20 f.

Quando o documento for publicado em mais de uma unidade física, [volume] deve-se indicar a quantidade de volumes, seguida da abreviatura v.⁸¹

LUTERO, Martin. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal, 1994. 4 vls.

5.2 CITANDO AS MONOGRAFIAS

Os elementos essenciais da referência são: autor (es), título, subtítulo (se houver), edição (da segunda em diante), local, editora e data de publicação. Os elementos complementares da referência são indicados de outros tipos de responsabilidade (ilustrador, tradutor, revisor, adaptador, compilador etc.); informações sobre características físicas do suporte material, páginas, volumes, ilustrações, dimensões, série editorial ou coleção, notas e numeração internacional para livros (ISBN), entre outros.

⁸¹ GRESSLER. Op. Cit., p. 260.

Exemplo de livro:

LACKS, L. A. **O monstro que comia números**. São Paulo: Loyola, 2000. 137 p., 25 cm. (coleção aprender). Bibliografia: p131-132. ISBN 85-228-0268-8.

Exemplo de tese:

GRESSLER, Lori. **Fatores ambientais e parâmetros genéticos de animais da raça nelore**. Belo Horizonte: 1998. 149 f. Tese (Doutorado em Genética e Melhoramento Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte.

Exemplo de dicionário:

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

Exemplo de enciclopédia:

VASCONCELOS, L. M.; KURTZ, G. (Ed.). **Enciclopédia e dicionário digital 2002**. Direção geral de Alberto Ditman. São Paulo: Loyola, 1998. 8 CD-ROMs. Produzida por FTD Multimídia.

Exemplo de catálogo:

MUSEU DO ÍNDIO (Belém, PA). **FUNAI**: catálogo. Belém, 2002. 12p.

Exemplo de almanaque:

FIGUEIREDO, Rodrigo. **Almanaque para 1990**. *primeiro semestre ou Almanaque d'A Manhã*. Ed. fac-sim. São Paulo: Studioma; Arquivo do Estado, 1985 (coleção Almanaque do Barão de Itararé). Contém iconografia e depoimento sobre o autor.⁸²

Parte de monografia, após o título e subtítulo, se houver seguidos da expressão In: e da referência completa da monografia num todo. No final da referência, deve-se informar a paginação ou outra forma de individualizar a parte referenciada.

Exemplo de Parte de coletânea:

FASBINDER, Olanda. **Como tratar de uma criança**. In: LACKS, Solange (Org.) **Criando Filhos para o amanhã**. São Paulo: Companhia dos livros, 2002. pp15-26

Exemplo de capítulo de um livro:

⁸² NBR. 6023.

RAMOS, Osvaldo. A colonização italiana. In: _____. **História do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Serrana, 2000. cap. 6, pp15-24⁸³

5.2.1 Citando os periódicos no todo

Os elementos são: título, local de publicação, editora, data de início da coleção e data de encerramento da publicação, se houver.

Exemplo de coleção de revistas:

REVISTA BRASILEIRA DE ZOOTECNIA. Brasília: ABZC, 1960-2004. Bimesral. **Título anterior:** *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*. ISSN 1516-3598.

BOLETIM GEOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, 1943-1992. Trimestral.

Exemplo de revistas:

REVISTA DE ESTUDOS ECONÔMICOS. Os 500 anos de independência do Brasil. Rio Grande do Sul: FEVALE, vl.5, n.6, jun. 2000. 103p. Edição especial.

Exemplo de suplemento de periódico:

ALUNOS APROVADOS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS. Centro Oeste. Brasília: MEC, vl.5, 2000. Suplemento.

Exemplo de fascículo de revistas:

SOJA: revista agrícola. São Paulo: Loyola, n.10, 13 jun. 2002. 36p.

Exemplo de artigos de revista institucional:

AVILA, Áurea. O respeito às tradições. *Revista Pantanal* – Revista do Centro de Tradições Gaúchas de Naviraí. Campo Belo: n.5, pp11-18, 1999.

Exemplo de artigo de revista:

ZENGO, M. A saúde começa em casa. *Revista da família*. Rio de Janeiro: vl.3, n.2, pp15-21, set. 1999.

Exemplo de artigo de jornal diário:

NASCIMENTO, Carlos. Arquitetura de Belém. **O liberal**. Belém: 22 fev. 2002. Casa & Cia, Caderno 8, p11.

⁸³ GRESSLER. Op. Cit., pp. 270-271.

Exemplo de matéria de jornal assinada:

LOPES, E. O segundo eleitorado brasileiro. **O Progresso**. São Paulo: p3, 25 abr. 2000.

ROSA, J.P. A festa em Barretos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 19 set. 1998. Disponível em: <http://www.providafamilia.org/festa_em_barretos.htm>. Acesso em: 19 set. 1998.

Exemplo de matéria de revista não assinada:

WINDOWS 98: **O melhor caminho para atualização**. *PC World*. São Paulo: n75, set. 1998. Disponível em: <http://www.idg.com.br/abre.htm>. Acesso em: 10 set. 1998.

Exemplo de e-mail ou revista eletrônica:

MATTAR NETO, João Augusto. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <josue-telma@ig.com.br>. Acesso em 15 de out. 2005.

5.2.2 Citando os documentos de eventos

Os elementos essenciais são: nome do evento, numeração (se houver), ano e local de realização. Em seguida, deve-se mencionar o título, subtítulo (se houver) do documento (anais, atas, tópico temático etc.), seguido dos dados de local de publicação, editora e data da publicação. Os elementos complementares são: denominações de seções ou divisões do evento, indicação de quantidade de volumes ou partes, indicações de responsabilidade etc., c.f.⁸⁴

SEMINÁRIO BASILEIRO DE SEMENTES, 1999, Londrina. **Anais...** Curitiba: ABRATES, 1999. 55p.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Anais eletrônicos.**, vl. 6. Rio de Janeiro: ABED, 1999. Disponível em: site.< www.educrj.com.br>

Palestras e seminários:

BRICK, M. **Legislação sobre avaliação escolar**: In: SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, vl.20, 2000. Aracaju. **Anais...** Aracaju: Tec Treina, 1998. 1 CD.

Registro de Patente:

FEEVALE. Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo). Jairo Pael. **Selecionador de grãos em espiral**. BR. n. PI 8903105-9, 26 jun. 1990, 21 maio 1996.

⁸⁴ Ibid., p. 271.

Legislação:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

Emenda constitucional:

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional n. 38, de 12 de julho de 2001. Acrescenta o art. 89 ao ato das Disposições Constitucionais. **Lex-Coletânea de Legislação e Jurisprudência**: legislação federal e marginalia. São Paulo: vl. 100, jan./mar. 2002.

Medida provisória:

BRASIL. Medida provisória n. 35, de 27 de março de 2002. Dispõe sobre o salário mínimo a partir de 1º de abril de 2002, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF: 28 mar. 2002. Seção 1, p.35413.⁸⁵

5.2.3 Citando os documentos de imagens e movimentos

Inclui filmes, fitas de vídeo, DVD, entre outros. Elementos essenciais são: título, subtítulo (se houver), créditos (diretor, produtor, realizador, roteirista e outros), elenco, local, produtora, data, especificação do suporte em unidades físicas e duração. Os elementos complementares são: sistema de reprodução, indicadores de som e cor e outras informações relevantes.

Exemplo de videocassete:

BRASIL pentacampeão. Produção de Luis Felipe Scolari. Coordenação de Galvão Bueno. Caxias do Sul: LERAVI, 2002. 1 fita de vídeo (30 min), VHS, color.

Exemplo de filme longa metragem:

ABRIL despedaçado. Direção: Walter Salles. Produção: Arthur Cohn. Roteiro: Walter Salles, Sérgio Machado e Karim Aïmouz. Intérpretes: José Dumont; Rodrigo Santoro; Rita Assemany; Luiz Carlos Vasconcelos; Ravi Ramos Lacerda; Flávia Marco Antonio; Everaldo Pontes; Othon Bastos; e outros. VideoFilmes; Haut et Court; Bac Films e Dan Valley Film AG, 2001. 1 filme (99 min), sonoro e colorido., 35 mm.

Documentos iconográficos, fotografia em papel e jornal:

⁸⁵ Ibid., p. 272.

AMARAL, M. E. **Índia velha**. 1990. 1 fot., color. 16 cm x 56 cm.

SALGADO, Samuel. O museu. **O Diário do Pará**. Belém, 17 jun. 2001. Caderno 2, Visuais. P. D2. 1 fot., p&b. Foto apresentada no Arte Pará, 2001.

Documentos em diapositivos (slides) ou sonoros:⁸⁶

COMO exercitar sua mente. Rondonópolis: SESI, 1990, 30 transparências, color., 25 cm x 20 cm.

A CRIAÇÃO de Portel. Fotografia de José Alberto Vasconcelos. Gravura de Maurício Correa. Belém, PA: FUMBEL, 2000. 40 diapositivos: color. + 1 fita cassete sonoro (15 min) estéreo.

MPB especial. [Rio de Janeiro]: Globo: Movieplay, c 1995. 1 CD (50 min). (Globo collection, 2).

Faixa de CD et al.

PIMENTA, Sérgio. Vou Chegar. Arthur Mendes [Compositores]. In: __ **De vento em popa**. São Paulo: VPC, publicado em 2002. 1 CD (ca. 40 min). Faixa 7 (4min 22s). Remasterizado em digital.

Partituras; elementos essenciais: autor(es), título, subtítulo (se houver), local, editora, data e suas características. e.g.:

STRAUSS, J. **O belo danúbio azul**. Arranjo de Mário Mascarenhas. Rio de Janeiro: Carlos Wehrs, 1951. 1 partitura (58p.). Acordeon.

GALLET, L. (Org.). **Canções populares brasileiras**. Rio de Janeiro: Carlos Wehrs, 1851. 1 partitura (23 p.). Piano.

5.3 CONCEITOS BÁSICOS USADOS EM PUBLICAÇÕES

Em todas as áreas do conhecimento científico, lida-se com alguns conceitos peculiares aquela determinada área de conhecimento. Assim acontece no caso de publicações dos trabalhos escritos; e.g.:⁸⁷

Abstract: Termo inglês que significa resumo (resumo em língua inglesa).

⁸⁶ Ibid., p. 272.

⁸⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (vários itens consultados).

Adendo: Matéria acrescida a um livro com a finalidade de ampliá-lo, uma vez que não pôde ser incluída no texto. Esse acréscimo é de elaboração do próprio autor. Apêndices e anexos também são considerados adendos.

Agradecimento: Mensagem opcional de reconhecimento dirigida àqueles que contribuíram para a realização da obra. Pode aparecer em folha própria, ou na apresentação, ou no prefácio escrito pelo autor.

Anverso: Página do lado direito de um livro, geralmente de número ímpar.

Anexo: Documento que se torna indispensável à publicação porque serve de fundamentação, confirmação ou ilustração do assunto abordado. Pode não ser elaborado pelo autor.

Apêndice: Matéria de caráter informativo, porém dispensável à publicação, que se acrescenta ao final do livro. Em geral não é elaborado pelo autor.

Autor: Pessoa(s) física(s) responsável(is) pela criação do conteúdo intelectual ou artístico de um documento.

Autor entidade: Instituição(ões), organização(ões), empresa(s), comitê(s), comissão(ões), entre outros, responsável(is) por publicações em que não se distingue autoria pessoal.

Boletim de informação: (*newsletter*) Publicações periódicas que difundem as atividades de uma associação ou de uma administração.

Capítulo, seção ou parte: Divisão de um documento, numerado ou não.

Calofão: Indicação do nome do compositor e/ou impressor, do local, da data e das técnicas de impressão.

Copyright: Palavra inglesa, de uso internacional, indicativa de propriedade literária ou direito autoral, e que, no verso da folha de rosto de uma obra, acompanha o nome do beneficiário e o ano da primeira publicação para efeitos legais.

Criptografar (encriptar): Significa converter um arquivo em um código secreto, para que as informações nele contidas não possam ser utilizadas ou lidas até serem decodificadas.

Dedicatória: Mensagem opcional do autor que contém oferecimento da obra a alguém. Geralmente vem em folha própria.

Documento: Qualquer fonte que contenha informação registrada ou não.

Documento iconográfico: Inclui documentos bidimensionais tais como original e/ou reprodução de obra de arte, fotografia, desenho técnico, transparências, cartaz, et alii.

Documento cartográfico: Inclui atlas, mapa, globo, fotografia aérea, et alii.

Documento tridimensional: Inclui esculturas, maquetes, objetos e suas apresentações (fósseis, esqueletos, objetos de museus, animais empalhados, monumentos entre outros).

Descritor: "Palavra ou expressão utilizada em indexação para representar, sem ambigüidade, um determinado assunto."

Edição: Todos os exemplares produzidos a partir de um original ou matriz. Pertencem à mesma edição de uma obra, todas as suas impressões, reimpressões, tiragens etc., produzidas diretamente ou por outros métodos, sem modificações, independentemente do período decorrido desde a primeira publicação.

Editora: Casa publicadora, pessoa(s) ou instituição responsável pela produção editorial. Conforme o suporte documental, outras denominações são utilizadas: produtora (para imagens em movimento), gravadora (para registros sonoros), et al.

Editoração: "Preparação técnica de originais para publicação" conforme critérios específicos

Elementos essenciais da referência: São as informações indispensáveis à identificação do documento. Os elementos essenciais estão estritamente vinculados ao suporte documental e variam, portanto, conforme o tipo.⁸⁸

Elementos complementares da referência: São informações que, acrescentadas aos elementos essenciais, permitem melhor caracterizar os documentos. Em determinados tipos de documentos, de acordo com o suporte físico, alguns elementos indicados como complementares podem tornar-se essenciais.

Elementos pós-textuais: Aqueles incluídos após o texto, dependendo do tipo de trabalho. Podem ser anexos, apêndices, glossários, etc.

Elementos pré-textuais: Páginas que antecedem o texto, inclusive a capa.

Encarte: Folha avulsa ou caderno intercalado na publicação, que contém matéria especial.

Epígrafe: Pensamento ou sentença colocada no início de livro, capítulo, composição poética, conto ou princípio de discurso.

Errata: Lista dos erros com as devidas correções e indicação das páginas e linhas em que eles ocorrem numa publicação. É impressa em folha à parte e acrescida aos exemplares depois de editados.

E-mail: O e-mail, ou correio eletrônico, permite a troca de mensagens pelo computador.

Falsa folha de rosto: Folha anterior à folha de rosto, na qual consta apenas o título da obra. Denomina-se também ante-rosto, falso frontispício ou olho.

⁸⁸ FERREIRA. Op. Cit., (vários itens consultados).

Ficha catalográfica: Registro técnico das informações bibliográficas da obra que visam facilitar o trabalho nas bibliotecas. Geralmente colocadas no anverso da folha de rosto ou de avaliação das monografias.

Folha de rosto: Página do início de um livro, que contém o título principal e, em geral, os demais elementos de identificação da obra. É o mesmo que página de rosto, portada ou frontispício.

Folheto: Publicação não periódica, de 5 a 48 páginas.

Fólio: Números que indicam as páginas de uma publicação.

Frontispício: Ilustração colocada na folha de rosto.

Imprensa: Conjunto de informações que identifica a editora, o local e o ano da publicação.

Indexação: Processo de identificação e atribuições de descritores ou palavras-chave de um documento, de forma que seu conteúdo seja identificado.⁸⁹

Índice: Lista detalhada de assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, leis, etc., ordenada segundo critério que localiza e remete para informações ou assuntos contidos na obra. Quanto à ordenação, pode ser: *alfabético* (entradas organizadas alfabeticamente) ou *sistemático* (entradas organizadas numa ordenação por classes numéricas ou cronológicas). Quanto ao enfoque, pode ser: *especial*, quando organizado por autor, assunto, pessoa e entidade, nome geográfico, abreviatura (símbolo ou sigla), citação, anunciante e matéria publicitária; *geral*, quando combinadas duas ou mais categorias anteriormente indicadas, por exemplo: índice de autor e assunto.

Hipertexto: Uma maneira de acessar dados relacionados em um banco de dados. As interfaces mais comuns são as linhas de comando, os menus de opções e os recursos de apontar e clicar.

Hipermídia: Termo que descreve aplicações de multimídia interativa e não sequenciais que possuem ligações de hipertexto entre diversos elementos como textos, gráficos, ilustrações, sons, vídeos e animações.

Home-Page: Página inicial de qualquer endereço eletrônico com conexão, ou *hyperlinks* (grifo da escritora), para outros servidores da Internet ou ainda para entradas de hipertexto.

Internet: Super-rede de computadores capazes de interligar numa teia digital as residências, empresas, serviços e comércio do mundo inteiro. É um misto de correio instantâneo, biblioteca universal e catálogos de compras entre outros elementos.

⁸⁹ Ibid., (vários itens consultados).

International Standard Book Numbering (ISBN): Numeração internacional para livros. Sistema internacional padronizado de numeração e identificação de títulos de livros em uma dada edição. É constituído de dez dígitos, precedidos pela sigla ISBN e divididos em quatro segmentos: identificador de editor, identificador de grupo, país ou área idiomática, identificador de título e dígito de verificação, separados por hífen: ISBN 85-7010-035-3. Deve figurar no verso da folha de rosto, na lombada da publicação e ao pé da sobrecapa, se houver. No Brasil, o órgão responsável pela atribuição do ISBN é a Biblioteca Nacional.

International Standard Serial Number (ISSN): Numeração internacional para periódicos. Código único, composto de oito dígitos, que permite, independentemente do idioma ou país de publicação, identificar e individualizar o título de uma publicação seriada. Deverá ser impresso em dois grupos de quatro dígitos separados por hífen e precedido da sigla ISSN, de preferência no canto superior direito da capa e na folha de rosto. Na ausência desta, repetir a impressão do código na página de expediente, próximo ao título da publicação: ISSN 0102-8081. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) é o órgão responsável pelo registro e atribuição do ISSN às publicações seriadas editadas no Brasil.

Lauda: Folha padronizada escrita de um só lado." Uma página de livro."

Lombada: Parte do livro por onde é este costurado ou colado. Nela devem constar o título da obra, o nome do autor e o volume. Denomina-se também dorso ou lombo.⁹⁰

Login: É o nome que o usuário utiliza para acessar a rede. Para entrar na rede é necessário digitar o login, seguido de uma senha.

Monografia no todo: inclui capítulo, volume, fragmentos e outras partes de uma obra, com autor(es) e/ou títulos próprios.

Orelha: Aba ou parte excedente, dobrável, da capa ou sobrecapa. Em geral, contém um texto sobre o autor ou sobre a obra.

Posfácio: "Matéria informativa ou explicativa apresentada no final de uma obra."⁹¹

Prefácio ou apresentação: Esclarecimentos ou justificativas antecedentes a uma obra escrita com a finalidade de apresentá-la ao leitor. O texto pode ser do próprio autor, do editor ou de outra pessoa especialista no assunto. O prefácio é denominado também advertência, antelóquio, proêmio ou preâmbulo. Normalmente o prefácio está mais relacionado com o autor do que com o trabalho em si. Geralmente, uma autoridade no assunto é convidada para

⁹⁰ RIBEIRO, Manuel. **Curso de português: manual de revisão**. Belém: 2004, p. 58. (material não publicado).

⁹¹ RIBEIRO. Op. Cit., p. 60.

prefaciar a obra. O prefácio deverá conter um breve histórico das origens do trabalho, os propósitos do pesquisador que o levaram a escrevê-lo e as circunstâncias nas quais o realizou.

Preprint: Cópia de uma comunicação editada antes da publicação definitiva do conjunto e distribuída em número limitado.

Publicação seriada: Publicação (...) com designações numéricas e/ou cronológicas, e destinada a ser continuada indefinidamente. Incluindo periódicos, jornais, publicações anuais (relatórios, licitações), revistas, atas, e outros.

Prospectos (folders): Folheto publicitário composto de uma folha impressa, com duas ou mais dobras.

Referência: Conjunto padronizado de itens descritivos, retirados de uma fonte, que permitem sua identificação individual.

Separata: Publicação de parte de um trabalho (artigo de periódico, capítulo de livro, colaborações em coletâneas etc.), mantendo exatamente as mesmas características tipográficas e de informação da obra original, que recebe uma capa, com as respectivas informações que a vinculam ao todo, e a expressão *Separata de:* As separatas são utilizadas para distribuição pelo próprio autor da parte, ou pelo editor.

Sobrecapa: "Cobertura solta, em geral de papel, que protege a capa do livro."⁹²

Subtítulo: Informações apresentadas em seguida ao título, visando esclarecê-lo ou complementá-lo, de acordo com o conteúdo do documento.

Sumário: Enumeração das principais divisões de uma obra, na ordem em que se apresentam. Ou ainda são chamados de *Summary* ou *resume*:

Resumo em língua de grande difusão, geralmente inglês (*summary* ou *abstract*) ou francês (*résumé*), com o objetivo de facilitar a divulgação do trabalho no exterior.

Suplemento: Documento que se adiciona a outro para ampliá-lo ou aperfeiçoá-lo, sendo sua relação com aquele apenas editorial e não física, podendo ser editado com periodicidade e/ou numeração própria.

Título: Palavra, expressão ou frase que designa o assunto ou o conteúdo de um documento.⁹³

Tomo: Unidade ideológica de uma obra, que pode, ou não, coincidir com a unidade física do livro, isto é, com o volume.

⁹² Ibid., p. 60.

⁹³ GRESSLER. Op. Cit., pp. 249-252.

6. CONCLUSÃO

No final deste trabalho de *Normalização*, pode-se deduzir que pelo menos um pouco do objetivo proposto foi alcançado, especialmente no que se refere aos elementos pré-textuais constitutivos de um trabalho científico. Entre os quais destacou-se a capa, a folha de rosto, a ficha catalográfica, a folha de aprovação, a dedicatória, os agradecimentos, o epígrafe, o resumo em língua vernácula e em língua estrangeira, a relevância do sumário e das listas de ilustrações, tais como abreviaturas e símbolos ainda que opcionais; porém, deixam o trabalho com certa delicadeza e consideração para com o seu leitor. Verificou-se a importância da constituição dos elementos chamados textuais, fazendo-se menção a introdução com a contextualização do problema abordado e a relevância do seu tema. Observou-se a importância de um bom desenvolvimento, e que suas partes devem estar bem concatenadas, desde a introdução até a sua conclusão sem dispensar a simetria, a importância do método e do referencial teórico. Viu-se os nomes e a razão de cada trabalho, academicamente mais conhecidos, e, ainda exemplos da constituição de resumos, síntese, resenhas, ficha catalográfica, ensaio científico e *paper* e as suas partes constitutivas, tanto no que se refere à linguagem, e as suas divisões sem dispensar a geometria e sua leitura analítica. Analisou-se ainda, alguns princípios de redação na elaboração de textos científicos, além de alguns conselhos práticos, siglas, abreviaturas e termos mais comuns usados em *latim*. Exemplificou-se a maneira de se fazer citações, tanto *ipsis litteris*, como livres ou parafraseadas e ainda, indiretas, as de fontes orais e suas caracterizações como elipse, interpolações, as de língua estrangeiras, as de notas de rodapé, as de autor data e página. Elencou-se alguns dos conceitos básicos mais usados em publicações escritas, especialmente no que se refere à transcrição dos elementos bibliográficos, com uma lista bibliográfica para consulta. Ilustrou-se nos anexos exemplos tanto de projetos de pesquisa, quanto de síntese, resumo e resenha, além, de um glossário contendo os vocábulos mais usados no presente trabalho de normalização. Conclui-se que pelo menos um pouco, do muito, que esta disciplina oferece, venha se constituir em um degrau à mais nessa longa escada do conhecimento e no *background*, de cada um sobre a arte de escrever, resumir e citar diversas fontes.

7. BIBLIOGRAFIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **informação e documentação: trabalhos acadêmicos e apresentação**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2006.

_____. NBR 10520: **Citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro: 2002a.

_____. NBR 14724: **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. Rio de Janeiro: 2002b.

_____. NBR 6023. **Referências Bibliográficas**. Rio de Janeiro: 2003.

_____. NBR 6027: **Sumário**. Rio de Janeiro: 2003.

_____. NBR 6029: **Apresentação de livros**. Rio de Janeiro: 1993.

_____. NBR 14724: **Informação e documentação: trabalhos acadêmicos e apresentação**. Rio de Janeiro: 2005.

ABNT. **Normatização da documentação no Brasil**. Rio de Janeiro: 2002.

_____. **Apresentação de dissertações e teses**. Rio de Janeiro: 2000.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Ars, 1996.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica: normas e diretrizes na elaboração de trabalhos científicos**. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

BARRASS, Robert. **Os cientistas precisam escrever**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

BEST, J. **Como investigar en educación**. Boenos Ayres: 2003.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw Hill, 1978.

CORREIA, A. **Redija**. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

DAY, Robert A. **How to write and publish a scientific paper**. 3rd. ed. Cambridge: University Press, 2005.

DOWNING, Douglas; CLARK, Jeffrey. **Estatística aplicada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DUSILEK, Darci. **A arte da investigação criadora: introdução à metodologia da pesquisa**. 13. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1998.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 4. ed. Tr. Gilson César. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FARIA, Ana Cristina de; CUNHA, Ivan da; FELIPE, Yvone Xavier. **Manual prático para elaboração de monografias: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERNANDES, Maria Nilza. **Técnicas de estudos: como estudar sozinho**. 3. ed. São Paulo: EPU, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. (Revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIREDO, Laura Maia de & CUNHA, Lélia Galvão Caldas de. **Curso de bibliografia geral: e biblioteconomia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GALLIANO, A. Guilherme (Org.). **Método científico: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1990.

GATES, Jean K. *Como usar livros e bibliotecas*. Tr. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

GRESSLER, Alice Lori. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2003.

KUIPER, R. B. *The Church*. 3rd. ed. Glasgow: Bell & Bain Ltd, 2009.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEHFELD, Neide. **Metodologia e conhecimento científico: horizontes virtuais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Josué da Silva de. **Alegrai-vos no Senhor**. (Sermão proferido na capela do STBE). Belém: (trabalho não publicado) em 15 de março de 2006.

LÜCK, Heloísa. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MARTINS, Eduardo (Org.). **Manual de redação e estilo**. [de O Estado de São Paulo]. São Paulo: 1998.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual de metodologia de pesquisa no direito**. São Paulo: Saraiva, 2003.

NUNES, Luiz Antonio Rizzatto. **Manual da monografia**. São Paulo: Saraiva, 2000.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

RIBEIRO, Manuel. **Curso de português**. In: __ Belém: 2003. [material não publicado]

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográficas**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Francisco Bueno. **A arte de escrever**. 10. ed. São Paulo: 1998.

SWENSSON, Arthur. **Entrevista: estrangeiro radicado no estado de Goiás**. (extraída da obra de Alice Gressler) 5 de setembro de 2004.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

UFPA. **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Belém: 2010. **Anais**.

ANEXO I

PROJETO DE PESQUISA



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA**

MARIA DA PIEDADE DE JESUS

*A DOCTRINA DA FÉ NA CONCEPÇÃO RELIGIOSA:
A FÉ SALVADORA*

Projeto apresentado em cumprimento às exigências
Exigências da disciplina: **METODOLOGIA
DA PESQUISA II** Ministrada pelo professor
Josué da Silva de Lima do curso de
Bacharel em teologia

BELÉM – PARÁ
2011

1. ÁREA GERAL DO CONHECIMENTO

Teologia Bíblica Doutrinária

1.1 ASSUNTO ESPECÍFICO

A doutrina da fé no sentido religioso e particularmente como fé salvadora

1.2 DELIMITAÇÃO

Um estudo sobre *A fé salvadora*, na perspectiva doutrinária no ministério pastoral, determinará a importância de seu significado e mensagem, nas formações dos conceitos sobre o ato de crê e de se observar ao que diz as Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamento.

1.3 JUSTIFICATIVA

Fala-se muito em preservação e ensino da verdadeira fé em nossos dias, sem que seja apresentado o seu real sentido e definição Bíblica, e a aplicação prática exata do termo *πιστις* encontrado no NT e *êmunâ* no AT, para que se compreenda à luz das Escrituras, como de fato, se estabelece atos genuínos da fé salvadora na vida do crente que possui esse tipo de fé; como essa fé se desenvolve e a quem ele alcança. À guisa do tema surge o interesse da pesquisadora estudar e tentar compreender um tema tão relevante como esse para a vida religiosa da pesquisadora e de sua comunidade.

1.3.1 Relevâncias

Entender em nossos dias, o que é a *fé salvadora* à luz das Escrituras e o seu real sentido para a vida do cristão será levado em conta como uma grande conquista tanto para a pesquisadora, como para o seu ministério ao falar do assunto em sua comunidade.

1.3.1.1 Relevância científica

A pesquisa se torna relevante à comunidade cristã e a teologia bíblica pastoral e doutrinária por abordar um tema que discute o problema da compreensão, tanto teórico-teológica como prática-doutrinária da *fé salvadora* e o verdadeiro papel da instrução através do real significado bíblico e sua ação na vida da igreja. A pesquisa se torna relevante por conduzir o assunto à luz de grandes exegetas e pensadores cristãos que contribuíram com várias concepções e definições do termo fé e fazer um retrospecto analítico do assunto.

1.3.1.2 Relevância doutrinária

Ao conceituarmos os significados bíblicos dos termos que definem o que é *A fé salvadora*, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e como esses termos foram compreendidos pelos personagens bíblicos envolvidos no contexto; cremos que o resultado será a formação de uma sã consciência sobre a necessidade de se abordar sempre, um assunto como esse em nossos ministérios, cultos, convenções, congressos e et.al.

1.4 INTERESSE

O tema *A fé salvadora*, é um tema de nosso interesse, por ser um assunto vital para a vida cristã sadia da igreja e também da concepção desse tema na vida de pessoas como o apóstolo Paulo, Martinho Lutero, João Calvino, O Senhor Jesus Cristo, e outros. Por isso, consideramos o assunto como importante para a compreensão daqueles que militam na obra de Cristo como ministros da Palavra, pois, cremos que cada cristão deve ter um bom preparo sobre uma doutrina tão importante como esta.

2. AS FONTES

2.1 AS FONTES PRIMÁRIAS

Além das fontes primárias que são textos bíblicos como os encontrados principalmente nos evangelhos e nas cartas apostólicas a pesquisadora terá acesso à biblioteca da FATEBE.

2.2 AS FONTES SECUNDÁRIAS

A pesquisadora além de contar com o seu acervo particular com obras que tratam do assunto, como dicionários de Teologia do Antigo Testamento, dicionário de Teologia do Novo Testamento, enciclopédias de teologia, léxicos do hebraico e do grego contará também com o auxílio de material, diapositivos que contenham dados de interesse da presente pesquisa e fontes secundárias como periódicos em geral.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Não podemos falar sobre *A fé salvadora*, sem que antes, se faça uma análise dos conceitos envolvidos tanto no Antigo como no Novo Testamento, e, que se analise as principais concepções de autores versados no assunto. Como Louis Berkhof, que faz a seguinte colocação ao referir-se ao assunto:

A verdadeira fé salvadora tem sua sede no coração e suas raízes na vida regenerada. Muitas vezes se faz distinção entre o *habitus* e o *actus* da fé (entre o hábito e o ato da fé). Contudo, por trás destes acha-se a *semem fidei* (semente da fé). Esta fé não é primeiramente uma atividade do homem, mas uma potencialidade produzida por Deus no coração do pecador. A semente da fé é implantada no homem quando acontece a regeneração. Alguns teólogos falam disto como *habitus da fé*, mas outros mais corretamente lhe chamam *semem fidei*. Somente depois que Deus implantou a semente da fé no coração do homem, é que ele pode exercer a fé.⁹⁴

Para o teólogo Wayne Grundem, a verdadeira fé não é somente conhecimento:

Mero conhecimento não basta fé salvífica pessoal conforme as Escrituras a entendem, envolve mais que apenas conhecimento. Naturalmente é necessário que tenhamos algum conhecimento de quem Cristo é e do que Ele fez. Porque “como crerão naquele de quem nada ouviram?” (Rm 10.14). Mas conhecimento sobre os fatos da vida, morte e ressurreição de Jesus não é o bastante para nós, porque as pessoas podem conhecer os fatos, mas rebelar-se contra eles ou não gostar deles. Por exemplo, Paulo nos fala que muitas pessoas conhecem as Leis de Deus mas sentem aversão por elas: “Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não semente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem” (Rm 1.32).⁹⁵

3.1 TERMOS APRESENTADOS NO ANTIGO TESTAMENTO

3.2 TERMOS APRESENTADOS NO NOVO TESTAMENTO

3.3 TERMOS APRESENTADOS POR TEÓLOGOS CONTEMPORÂNEOS

⁹⁴ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tr. Gordon Chwon. Campinas: Candeia, 1992. p. 505.

⁹⁵ GRUNDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. Tr. Norio Yamakami; et.al.. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 592.

4. METODOLOGIA

A nossa metodologia será *analítica* – pois se fará um exame detalhado de alguns textos em loco, onde será analisada a sua estrutura gramatical e, mediante a formulação de um esboço detalhado, expressando exatamente o significado dessa estrutura e dos termos envolvidos e será também através do método *devocional* – onde procuraremos aplicar o significado da linguagem ou dos gêneros envolvidos [literal, simbólico ou figurativo] à um tema doutrinário tão importante como esse, que discrimina o que é fé semântica e o que é *A fé salvadora*.

4.1 OBJETIVOS

São dois *a priori*: objetivo Geral e os específicos

4.3.1 Objetivo geral

Analisar a importância do estudo sobre a fé salvadora, bem como as suas implicações, para o ministério pastoral que consiga unir a teoria e a prática, no que se refere a fé salvadora.

4.3.2 Objetivos específicos

- 1) Apresentar a importância de se compreender o que é a fé salvadora, e sua relevância no ministério pastoral moderno;
- 2) Investigar qual real utilização do termo fé tanto no Antigo como no Novo Testamento e sua importância para um crescimento espiritual e ético sadio na igreja moderna;
- 3) Apresentar a importância da fé salvadora para a vida de quem ministra aos outros as doutrinas bíblicas da fé genuína.

5. PROBLEMAS

5.1 OS PROBLEMAS SERÃO DOIS

5.1.1 Problema central

Qual o real sentido do tema: *A fé salvadora*, na perspectiva do ministério pastoral e dos referenciais já mencionados? E o que vem sendo proposto através dos principais articuladores contemporâneos sobre o assunto?

5.1.2 Problemas corolários

- 1) Como se estabelece os conceitos Bíblicos no Antigo e Novo Testamentos, que tratam da *Fé salvadora*?
- 2) Como articular tais conceitos que envolvem várias concepções hoje?
- 3) Quais os efeitos imediatos ou remotos em nossa concepção de tal tema?

6. HIPÓTESES

6.1 AS HIPÓTESE SERÃO DUAS

6.1.1 Hipótese central

O tema *A fé salvadora*, propõe uma visão ampla, que precisa ser definida para que seja levado em consideração o seu efeito prático, tanto, no âmbito teológico como eclesiológico, social e pastoral.

6.1.2 Hipóteses secundárias

1) O Antigo e Novo Testamentos concebem a idéia de *Fé Salvadora* a partir de quem teme a Deus, crê no Seu nome, se prostra diante de Sua glória e obedece a Sua Palavra. *A Fé Salvadora* também é concebida a partir de quem se dispõe para servir a Deus prestando auxílio aos outros, através do ensino da Palavra de Deus, sobre o assunto envolvido.

2) A concepção de *Fé Salvadora* do Antigo Testamento e do Novo Testamento como o apóstolo Paulo, apóstolo Pedro e o próprio Senhor Jesus Cristo, tem sido decisiva para que tal ensino viesse a existir e assim chegarmos a alguns parâmetros ou definições no que se refere ao tema em questão.

3) Os efeitos imediatos da *Fé Salvadora* estão relacionados a um despertar na vida da própria pesquisadora os remotos do passado, na vida de homens e mulheres que assumiram um compromisso com Deus e com o Seu povo através deste tema; os beneficiados do presente e do futuro serão os que atentarem para os desafios e compreenderem o real sentido da verdadeira fé, na aplicação pessoal nos textos mencionados.

8. ESBOÇO PRELIMINAR

1. INTRODUÇÃO

2. PRINCIPAIS TERMOS APRESENTADOS

2.1 TERMOS APRESENTADOS NO ANTIGO TESTAMENTO

2.2 TERMOS APRESENTADOS NO NOVO TESTAMENTO

3.3 A CONCEPÇÃO CONTEMPORÂNEA NA TEOLOGIA

3.4 SEUS PRINCIPAIS ARTICULADORES

9. BIBLIOGRAFIAS

BARCLEY, Newman. *Greek- English dictionary of New Testament*. Londres: UBS, 1992.

BERKHOF, Louis. **História das doutrinas cristãs**. Tr. João Marques Bentes. São Paulo: PES, 1992.

_____. **Teologia sistemática**. Tr. Odayr Olivetti. Campinas: LPC; 1990.

COENEN, Lothar **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tr. Gordon Chown, São Paulo: Vida Nova, 1989, 4 vls.

GINGRICH, Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tr. Júlio Zabatiero, São Paulo: Vida Nova, 1991.

GRUNDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Tr. Norio Yamakami; et al. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HARRIS, Laird; ARCHER Jr. Gleason; et.al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tr. Luiz Sayão; et al. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela graça**. Tr. Heber Carlos de Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

LANGSTON, A.B. **Esboço de teologia sistemática**. 3. ed. RJ: JUERP, 2000.

PACKER, James I. **Vocabulos de Deus**. São José dos Campos – SP: Fiel, 1998.

_____. **Teologia concisa**. Tr. Rubens Castilho. Campinas: LPC, 1998.

PINK, Arthur. **Deus é Soberano**. São José dos Campos – São Paulo: Fiel, 1998.

RYRIE, Charles C. **Teologia básica: ao alcance de todos**. Tr. Jarbas Aragão. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas: os marcos de nossa fé**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

SPENCER, Duane Edward. **TULIP: os cinco pontos do calvinismo à luz das escrituras**. 2. ed. Tr. Sabatini Lalli. São Paulo: Parakletos, 2000.

STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática**. Tr. Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003, 2 vls.

ANEXOS II

FICHAMENTO, SÍNTESE, RESUMO, RESENHA E GLOSSÁRIO

Fichamento

Bibliografia	Assunto	Citação/comentário
<p>BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago-</i> SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)</p>	<p>Inquisição</p>	<p>Parábola do Grande Inquisidor, de Feodor Dostoievski. Quando Jesus volta e é preso pela Inquisição</p>
<p>BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago-</i> SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)</p>	<p>Cátaros</p>	<p>1208, Papa Inocêncio III x Cátaros (albigenses) (sem sacerdócio por experiência direta com Deus, Igreja Prostituta da Babilônia, sincretismo com outras religiões, repúdio ao luxo mundano e da Igreja, doutrinas não eram centrais, vistos como ‘bons cristãos’ pelo povo. Sul da França crescem acima do catolicismo, mendicantes (p. 7ss)</p>
<p>BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago-</i> SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)</p>	<p>Clero – situação - sec XIIss</p>	<p>p.9 corrupção, ganância, despreparo, escândalo</p>
<p>BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago-</i> SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)</p>	<p>Cátaros</p>	<p>“A 22 de julho, o exército chegara à estratégica cidade de Béziers, cuja população incluía um considerável número de cátaros. No saque e pilhagem da cidade que se seguiram, perguntaram a Arnald Amaury como distinguir os hereges dos católicos leais e devotos. O legado papal respondeu com uma das mais infames declarações de toda a história da Igreja: Matai todos eles. Deus reconhecerá os Seus.” P. 11</p>
<p>BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago-</i> SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)</p>	<p>Cátaros + Dominic de Guzman</p>	<p>“Dominic de Guzman (1206) decidiu retificar essa situação e, como concebeu, vencer os cátaros em seu próprio jogo. Passou a estabelecer uma rede proliferante de monges itinerantes, de frades homens não isolados em abadia ou mosteiro, mas que percorriam as estradas e aldeias do campo. Em contraste com os dignitários da Igreja, os frades de Dominic iam viajar descalços e viver simples e frugalmente, assim exemplificando a austeridade e ascetismo atribuídos aos primeiros cristãos e aos originais padres da Igreja. E o que era mais, os homens de Dominic seriam educados, capazes de debate erudito, de enfrentar os pregadores cátaros ou quaisquer outros em “torneios teológicos. Podiam vestir roupas simples e andar descalços, mas levavam livros consigo. Antes, outras figuras do clero haviam defendido a cultura por si mesma, ou a manutenção do monopólio do conhecimento por Roma. Dominic tornou-se o primeiro indivíduo na história</p>

		da Igreja a defender a cultura como ajuda e instrumento integrais da pregação.” P. 12
BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago</i> - SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)	Cátaros + Dominic de Guzman	“Por muitos anos já, tenho vos entoado palavras de doçura, pregando, implorando, chorando. Mas como diz a gente de minha terra, onde a bênção não adianta, a vara prevalecerá. Agora convocaremos contra vós chefes e prelados que, ai de mim, se reunirão contra esta terra... e farão com que muita gente pereça pela espada, arruinarão vossas torres, derrubarão e destruirão vossas muralhas, e vos reduzirão a todos à servidão..., a força da vara prevalecerá onde a doçura e as bênções não conseguirão realizar nada.” Domic de Guzman p. 13
BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago</i> - SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)	Cátaros + dominicanos	1234, comemoração da canonização, antes da missa, queimam uma moribunda considerada herege: festa com sacrifício humano. P. 16
BAIGENT, Michael & LEIGHT, Richard. <i>A Inquisição – Imago</i> - SP, 2001, 331 páginas, ISBN-10: 8531207568 – e-book (paginação segue do e-book e não do livro impresso)	Hereges + tortura no cristianismo	Relata como desde o séc. IV faz-se uso da tortura e morte aos hereges. P. 17

DUARTE, João-Francisco Jr. **O que é realidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, 103p. (e.g., *de resumo de uma obra como todo após a folha de rosto, ou capa e folha de rosto*)

Nesta obra de João-Francisco Duarte Jr, o tema abordado é sobre *realidade* e o autor traz uma visão panorâmica de como percebermos esta tal realidade, partindo de vários pontos de observação em relação àquilo que se observa, e fazendo a comparação de como um só elemento pode ser percebido diferentemente por vários observadores, dentro de cada contexto que os abrange.

No primeiro momento Duarte Jr inicia o capítulo utilizando como título uma expressão bem comum à todos: “cai na real”. Esta expressão é uma gíria popular usada, geralmente, no sentido de apelar pra alguém deixar de sonhar com alguma coisa que esteja muito além da realidade. Significa ter os pés no chão. De acordo com o autor, percebe-se que o sonho, a ilusão o erro estão nas alturas, enquanto que a realidade está no solo. Realidade. Esta palavra é usada por todos, mas nem todos têm uma definição concreta do seu verdadeiro significado. Todavia, é um termo tão popular que muitas pessoas costumam até tentar defini-la com frases do tipo: “realidade é como o mundo é”, sem ao menos perceberem que cada indivíduo percebe o mundo a sua própria maneira, e, nem sempre é da mesma forma que o percebemos. Um exemplo bem claro que o autor nos mostra é a água, que para um pescador significa muito mais do que uma combinação de moléculas de hidrogênio com oxigênio, como esta é para um químico, pois seus conhecimentos são de uma outra ordem. E assim, entende-se que a água sempre foi percebida de diferentes maneiras por todos os seres humanos que já tiveram contato com ela dentro de sua realidade, seja ela qual for, pois o homem é quem constrói o mundo e edifica a realidade.

No tópico, “No Princípio Era a Palavra”, destaca-se um ponto muito importante de como a realidade é conhecida: trata-se da *palavra* ou *linguagem*. É pela palavra que o homem adquire o conhecimento, tomando consciência de espaços não acessíveis aos sentidos. Isto é o que diferencia o ser humano dos animais, visto que o animal está irremediavelmente preso aos seus sentidos, e, por isso não vai além daquilo que os seus órgãos dos sentidos trazem até eles. Eis a razão pela qual se diz que o animal possui um meio ambiente, enquanto que o homem vive no mundo. O autor ainda afirma que através da palavra é que criamos significações para o que vivemos ontem, ou até mesmo outros homens viveram em um passado bem distante. O mundo é compreendido através da palavra, visto que, a afirmação do autor é esta: “o que existe para o homem tem um nome. Aquilo que não tem nome não existe,

não pode ser pensado” (p23). A construção da realidade social depende do sistema lingüístico empregado pela comunidade.

Na edificação da realidade, nota-se a relação com o capítulo introdutório que mostra que o real é o terreno firme que pisamos no nosso dia-a-dia. Partindo desta relação entende-se que o mundo apresenta realidades múltiplas, e que tais realidades são, na verdade, as experiências vividas no cotidiano, e que tais experiências são vividas individualmente. A construção da realidade depende, pois, fundamentalmente de uma estrutura social estabelecida e conhecida pelos seus membros. A manutenção da realidade depende da forma como são estabelecidas as ordens criadas pelas instituições sociais feitas pelos próprios indivíduos da sociedade. É, na verdade, uma coerção social, pois tudo o que não está preestabelecido nos papéis, é considerado por seus idealizadores, algo fora da sua realidade social. O processo de aprendizado da realidade é denominado *socialização*. Esta socialização ocorre em vários âmbitos da vida de um indivíduo e divide-se em duas fases, segundo o autor: *socialização primária* e *socialização secundária*. Na socialização primária, o homem adquire a consciência que a linguagem lhe permite. Já a socialização secundária, diz respeito a qualquer processo subsequente à primária que visa a introduzir o indivíduo em novos setores do mundo social.

Conclui-se que realidade é, de fato, aquilo que vivemos no dia-a-dia e percebemos de maneiras variadas, através do conhecimento, as diferentes formas, cores, substâncias, etc. Diferente da realidade científica que analisa estas substâncias de maneira mais restrita. Portanto, devemos viver no mundo em busca de percebermos esta tal realidade e assim, “cair na real”.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, 263p. (e.g.: de síntese, após a sua folha de rosto)

Nas últimas décadas, muitos escritores bíblicos neotestamentários têm escrito sobre a Carta aos Hebreus, inferido sobre a mesma suas opiniões e a relevância do seu conteúdo teológico, para a vida dos cristãos de todos os tempos. Em relação a sua autoria, para o escritor Guthrie, a Epístola aos Hebreus é anônima; o que tem causado discussão desde os dias pós-apostólicos. Percebe-se que em alguns pontos a sua linguagem é bem parecida com a linguagem paulina, mas, em outros não. Porém, isso não tira de maneira nenhuma a autoridade divina deste importante texto bíblico para a carreira cristã. Sua data é estabelecida entre 65-68 d. C.; o seu tema central é a superioridade do sacerdócio de Cristo diante do sacerdócio levítico e foi escrita para um grupo de judeus que havia abraçado a fé cristã. Para Guthrie, o termo “superior” é dominante na carta quando é visto pelo ângulo da analogia entre Cristo e Sua superioridade aos anjos, e sobre toda a criação; em relação ao ministério de Moisés, pois este foi um bom servo de Deus, mas, Jesus é o próprio Filho de Deus, que Moisés anunciou; a superioridade de Jesus sobre Josué, mesmo este sendo um grande líder do Antigo Testamento e fazendo o povo de Israel descansar na “terra prometida”, o descanso oferecido por Jesus é maior, perfeito e duradouro (4.1-13), “a nós é deixada a promessa de entrar no descanso de Deus”. (p.104). Jesus é apresentado ainda, como, um Sumo Sacerdote superior a Arão, ao surgir de uma ordem sacerdotal extraordinária, em que Melquisedeque é apresentado como ministro de uma aliança especial e Jesus é apresentado como ministro superior da Nova Aliança, com uma glória superior e eterna. Ao escrever sobre Jesus como mediador, o autor destaca o significado da morte de Cristo, sua entrada no santuário celestial e Seu oferecimento de ser a própria oferta em prol dos outros, como sacerdote e o dispositivo perfeito da propiciação pelos pecados do Seu povo. Entende-se que na segunda divisão da Epístola Guthrie, dar uma ênfase acentuada na posição presente do crente trilhando o “novo e vivo caminho” sem esquecer-se do valor da experiência passada, a fé genuína é apresentada como um meio eficaz tendo como base o testemunho de Deus na vida dos patriarcas e de outros fiéis, que Deus levantou no curso da história da salvação. Guthrie finaliza, destacando a importância e lugar da disciplina, com exortações que afetam a vida social, a vida particular e a vida religiosa. Afirma também que o cristão tem um novo altar, para apresentar a sua vida como sacrifício e obter da parte de Jesus o Sumo e perfeito Sacerdote a Sua graça.

Palavra-chave - hebreus, propiciação, sacrifício, superioridade, sacerdócio.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. Tr. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, 263p. (e.g.: de resumo, após a folha de rosto)

Ultimamente, muitos escritores têm inferido sobre a Epístola aos Hebreus diversas opiniões sobre a importância da mesma na vida cristã desde a era apostólica. Em relação a sua autoria, a Epístola é anônima, o que tem causado discussão desde os dias pós-apostólicos. Para Guthrie, em alguns pontos, a sua linguagem é bem parecida com a linguagem paulina, mas, em outros não (p.18), o que não tira de maneira nenhuma a autoridade divina deste importante texto bíblico para a vida cristã. Sua data é estabelecida entre 65-68 d. C.; o seu tema central é a *superioridade do sacerdócio de Cristo*, em face da transitoriedade do sacerdócio levítico; foi escrita para um grupo de judeus que havia abraçado a fé cristã. Para Guthrie, o termo “superior” é dominante na carta, quando é visto pelo ângulo pictórico, entre Cristo, sua superioridade sobre os anjos, e toda a criação; em relação ao ministério de Moisés pois ele foi um bom servo de Deus, mas, Jesus é o próprio Filho de Deus, que Moisés por sua vez, anunciara; a superioridade de Jesus a Josué, mesmo este sendo um grande líder da antiga aliança e fazendo o povo de Israel descansar na “terra prometida”, porém, o descanso oferecido por Jesus é maior, perfeito e duradouro (4.1-13), “a igreja é deixada a promessa de entrar no descanso de Deus”. (p.104). Jesus é apresentado ainda, como um Sumo Sacerdote superior a Arão ao surgir de uma ordem sacerdotal extraordinária, em que Melquisedeque é apresentado como ministro de uma aliança especial e Jesus é apresentado como ministro superior da Nova Aliança, em glória superior e eterna. Guthrie destaca o significado da morte de Cristo, Sua entrada no santuário celestial e o fato de ser a própria oferta em prol dos outros; como sacerdote é o ofertante perfeito da propiciação pelos pecados do Seu povo. Na segunda divisão da Epístola, Guthrie dá uma ênfase acentuada na posição presente do crente trilhando o “novo e vivo caminho”, sem esquecer-se do valor da experiência passada, em que a fé genuína é apresentada como um meio eficaz, tendo como base o testemunho de Deus na vida dos patriarcas, os chamados “heróis da fé”(p.211). Guthrie finaliza, destacando a importância e lugar da disciplina, com exortações que afetam a vida social, religiosa. Afirma também que o cristão tem um novo altar, para apresentar a sua vida em contrição e obter da parte de Jesus a Sua graça. O autor alcança seus objetivos promovendo de forma simples uma compreensão tanto teológico-doutrinária quanto prática da Carta aos Hebreus; o texto está bem esboçado facilitando assim a compreensão do leitor e daqueles que almejam elaborar seminários ou exposições sobre a carta. Seu texto cientificamente, é muito bem composto, com notas de rodapé e arremesso bibliográfico ao leitor, indicando e fazendo menções de muitas fontes de

referência incontestáveis dos maiores expoentes modernos da carta; a obra foi muito bem traduzida e sua produção gráfica muito bem elaborada. Finalmente, Guthrie faz aplicações bem práticas na vida cristã de seus leitores, quando faz estes refletirem sobre o sacrifício vicário de Cristo em relação a uma vida que produza por tudo isso que Cristo fez uma verdadeira adoração e um verdadeiro louvor.

GRUNDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática: bibliologia**. Tr. N. Yamakami; et.al. São Paulo: Vida Nova, 1999, pp. 23-94 (e.g., de resenha de parte de uma obra, após capa e folha de rosto)

Wayne Grundem, entende que em toda a história da revelação, Deus usa tanto os homens como a própria natureza como canais para comunicar a Sua vontade. E os homens como escrivões de Sua Palavra escrita, a Bíblia Sagrada, cujo ponto de convergência de nossa investigação se fundamenta. Grundem apresenta a doutrina da Palavra de Deus, definindo-a como Escrituras Sagradas, uma coletânea de 66 livros, todos inspirados por Deus, para a transmissão de sua vontade ao ser humano, demonstrando o seu amor para com o Seu povo, no tocante a Israel e a Igreja. O cânon se compõe de Antigo e Novo Testamentos.

Para o autor estes livros, na sua totalidade, são a Palavra de Deus. Porém, o Espírito Santo, que ao longo deste projeto divino tem sido o seu eficaz inspirador, convence os leitores da Bíblia de sua autenticidade divina. O autor enfatiza que este cânon é completo e definitivo, não dando abertura para acrescentarmos outra qualquer obra, sendo a Bíblia genuinamente a perfeita verdade absoluta. O autor enfatiza a eficácia da Palavra de Deus, a inerrância da mesma, pelo fato de ser um livro com cerca de 40 autores que o escreveram em épocas diferentes, com contextos culturais diferentes e mesmo assim, não conter contradições, mas, ter suas idéias em harmonia, isso é um milagre, é uma obra de Deus (p.59).

De forma contundente, Grundem expõe seu raciocínio dividindo-o em quatro partes que o mesmo as define como características da Palavra de Deus: (1) A Palavra de Deus contém *autoridade* em si mesma; (2) A Palavra de Deus é *clara* em si mesma; (3) A Palavra de Deus é *necessária* para que se conheça a verdade e; (4) A Palavra de Deus é *suficiente* em si mesma (grifo do autor). Para o autor, temos a sabedoria de Deus decodificada em linguagem humana de maneira clara e simples, viva e apta para penetrar as intenções do coração. Ainda que se depare com grupos céticos que acham que a doutrina da inerrância da Palavra de Deus seja um exagero inocente por parte de quem crê, para o autor, isso não altera sua precisão, pois ela nem sempre independe das pesquisas e razão humana para ser estabelecida como eficaz. Grundem afirma ainda, que ela é totalmente necessária para o homem conhecer o Evangelho da graça de Deus, para nutrir a fé salvadora e crescer espiritualmente. Ainda que não seja o único meio do homem conhecer a Deus, porque a criação também se revela como quem apresenta Deus ao homem de maneira natural, as Escrituras o apresentam de maneira especial e completa.

O autor conclui dizendo que a Bíblia é suficiente, pois cada palavra desta revelação é totalmente exata, e inspirada verbal e plenariamente em cada estágio da história da salvação e para a vida cristã (2 Tm 3.17-17). A Bíblia é completa para responder as mais variadas indagações humanas, mostrando-lhe o caminho eterno. Sua suficiência também revela e delimita o pecado, quando nos orienta com exatidão o que não devemos fazer; Deus nada exige do ser humano além do que está revelado implícita e explicitamente em Sua Palavra; e a suficiência da Palavra ainda, nos revela o futuro eterno, o destino glorioso dos remidos na presença da Trindade Augusta, o novo céu, a nova terra e a triste realidade dos perdidos sem Deus na eternidade por rejeitarem a palavra de Deus em todos os aspectos.

O autor encerra o capítulo de sua obra com uma palavra de Louvor a Deus, por ser o verdadeiro autor da Bíblia como Sua Palavra e firmá-la no céu. O autor é enfático em afirmar a inerrância da Palavra de Deus. Sua declaração de que Deus é o criador de todas as coisas e a importância e eficiência na obra da redenção que a Bíblia dá, fazem de Grundem um bom

defensor da doutrina da inerrância e inspiração das Escrituras. Mostra ainda, que a Palavra de Deus é eficaz e apta na preparação do povo na obediência a Deus, especialmente no que se refere ao santo ministério das pessoas que Deus usou em todos os momentos da história tanto do povo judeu, quanto da igreja e do mundo inteiro.

Grundem, usa uma linguagem de fácil acesso a qualquer leitor sendo religioso ou não; seu livro foi muito bem editado, de boa encadernação, fonte de tamanho ideal para a leitura, o assunto é muito bem dividido e o autor interage com outras obras de sistemática que discorrem o mesmo assunto, pelo mesmo prisma como a de Lewis Sperry Chafer, *Teologia sistemática*, Hagnos, vl. I, 2003, pp. 99-10; que é defensor das doutrinas da inspiração verbal e plenária, da inerrância e da suficiência das Escrituras, é da mesma opinião de Grundem sobre o assunto porém, é mais contundente ao afirmar a doutrina da inspiração verbal e plenária das Escrituras e a inerrância da mesma; ao passo que Millard Erickson, em sua obra *introdução à teologia sistemática*, Vida nova, 1999, pp.79-95, defende somente as doutrinas da inerrância e suficiência das Escrituras, não fazendo afirmação na doutrina da inspiração verbal e plenária. Doutrina que pela ótica reformada deve ser afirmada e defendida. Grundem entende que, a validade da Palavra de Deus é eterna, infalível e suficiente dessa forma conclui fazendo uma menção na propriedade de Deus como eterno, daí afirmando a inspiração, inerrância e suficiências das Escrituras citando o Salmo 119. 89.

A despeito disso, recomendamos a obra de Grundem, para todos os que gostam de fazer uma boa leitura, na área de sistemática, aos estudantes de teologia, aos professores e a todos os que são versados na área de ciências da religião; devido o autor professar a fé reformada, ele toma uma posição partindo do pressuposto de que a Palavra de Deus é perfeita, e que os que a lêem encarem-na como sendo “a Palavra Infalível da parte de Deus aos homens.”

GLOSSÁRIO

Acumulação – totalidade dos elementos materiais e não-materiais que as gerações presentes e todas as gerações antecedentes conseguiram acumular como forma de cultura.

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – entidade privada, criada em 28/09/1940, sem fins lucrativos, reconhecida como entidade pública pela Lei nº 4.150, de 21/11/1962. É um fórum nacional de normatização, conforme Resolução nº 7, de 24/08/1992, do Conselho nacional de Metrologia. Normatização e Qualidade Industrial (Conmetro), e representa o Brasil nas entidades internacionais de normatização internacional. A missão da ABNT é harmonizar interesses da sociedade brasileira, provendo-se de referências por meio da normatização e atividades afins, e o seu objetivo é fomentar e gerir a normatização no Brasil.

Amostragem – conjunto de técnicas estatísticas que possibilita, a partir do conhecimento de uma parte denominada amostra, obter informações sobre o todo.

Argumento – encadeamento lógico do pensamento pelo qual se chega a um resultado.

Artigo científico – texto escrito para ser publicado em revista especializada. Conforme seu escopo, é chamado também de ensaio, comunicação e relato.

Atributo – representa o que é próprio de um ser ou que é atribuído à qualidade de uma variável.

Bibliografia – entende-se como a descrição minuciosa de determinada obra intelectual ou fonte.

Ciência – progresso de acúmulo de conhecimentos sobre algo e de ações racionais, sistemáticas, exatas e verificáveis, capazes de transformá-los.

Científico – tudo o que tem o rigor da ciência, resultante de investigação metodológica e sistemática da realidade. Geralmente, transcende os fatos e os fenômenos, analisando-os a fim de descobrir suas causas e concluir as leis que o regem.

Compreensão – significa a apresentação de um sentido sobre um conjunto de elementos de que uma idéia se compõe.

Conceito – objeto do conhecimento consciente em relação ao seu significado, que o distingue de outros objetos do conhecimento. Um conceito exige duas qualidades básicas: abstração e

generalização. A primeira isola a propriedade e a segunda reconhece que a propriedade pode ser atribuída a vários objetos.

Consulente – pessoa que consulta ou pesquisa obras, periódicos e outras fontes bibliográficas.

Coleta de dados – são informações retiradas diretamente da fonte de pesquisa, com o objeto de estudo, ou seja, diretamente com o indivíduo sobre o qual recaiu a amostragem.

Definição – compreensão de um conceito que torna os termos mais distintos; procura separar o que é do que não é.

Definir – determinar a extensão, os limites e a compreensão essenciais e específicos de uma variável, de modo a não torná-la confundível com outra.

Dicotomia – divisão lógica de uma variável em duas categorias, geralmente, contrárias por natureza, e que esgotam a extensão da variável.

Discussão – seção onde se interpretam os dados, anteriormente descritos.

Documentação – registro de informações específicas obtidas por livros, revistas, apostilas, teses, folhetos; ou artigos diversos de outras fontes bibliográficas.

Empírico – conhecimento guiado pelo que se adquire na vida cotidiana ou ao acaso, ou com base na experiência vivida ou transmitida por alguém.

Especialização – curso posterior à graduação, em determinada área do conhecimento.

Estatística – ramo da matemática que lida com dados numéricos relativos a fenômenos sociais e naturais com o objetivo de medir ou estimar a extensão desses fenômenos e verificar suas inter-relações.

Evolução – seqüência de transformações regidas por lei, que pode ser incessantemente renovada.

Fato – acontecimento passível de ser observado ou coletado.

Fenômeno – observação percebida através dos sentidos ou pela consciência, geralmente, raro e surpreendente.

Fontes primárias – são constituídas pela bibliografia de primeira mão, ou seja, documentos originais.

Fontes secundárias – toda bibliografia utilizada inclusive, remetendo o consulente às fontes primárias.

Filosófico – conhecimento à procura do saber, cuja origem se atém à capacidade de reflexão do ser humano, e que tem por instrumento exclusivo o raciocínio.

Formulário – é um instrumento de trabalho utilizado em pesquisa de campo.

Glossário – definição de termos técnicos utilizados em um trabalho científico, apresentados em ordem alfabética.

Gráfico – representação de fenômenos por cálculo matemático e por figura geométrica.

Hipótese – suposição que antecede a constatação dos fatos; a partir do momento que é submetida à prova, confirmada e aceita, torna-se teoria. Resposta provisória a um determinado problema. [um projeto de pesquisa deve apresentar um problema central (principal) ou de cinco a dez problemas corolários (secundários)].

Iluminação – é uma percepção que acontece à mente do pesquisador quando as idéias ocorrem repentinamente. É a fase mais excitante, e até alegre, no processo criativo do problema.

Juízo – ato pelo qual o raciocínio afirma ou nega alguma coisa em função de outra. É a operação fundamental do pensamento reflexivo.

Justificativa – seção onde se procura demonstrar o valor do objeto de estudo. Deve-se considerar a relevância teórica e social, a viabilidade do tema e interesse pessoal do pesquisador.

Levantamento – estudo no qual os dados são conseguidos por meio de pesquisas, quando se usam instrumentos como formulário, questionário ou outros dados bibliográficos.

Método – conjunto de regras e de procedimentos seguidos na pesquisa.

Método científico – conjunto de regras e de procedimentos que possibilitam o surgimento e a evolução da ciência.

Modelo IDC – modelo de desenvolvimento de texto científico, composto de Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

Modelo IRMRDC – modelo de desenvolvimento de texto científico, composto de Introdução, Revisão de Literatura, Materiais e Métodos, Resultado, Discussão e Conclusões.

Objeto – tudo aquilo de que um indivíduo pode ter conhecimento, sobre o que pode tomar qualquer atitude ou que se pode responder.

Pesquisa – investigação sistemática realizada no contexto da sociedade. A prática concreta de cada pesquisa em particular está condicionada aos procedimentos metodológicos.

Premissa – cada uma das duas primeiras proposições de um silogismo que serve de base à conclusão.

Problema – situação não solvida, objeto de discussão ou perplexidade por ser difícil de explicar ou solver em qualquer área do conhecimento. Parte do projeto de pesquisa onde são apresentadas as perguntas que a investigação que a investigação procurará responder.

Procedimento metodológico – conjunto de normas que possibilitam o desenvolvimento de métodos técnicos para se chegar ao conhecimento e, posteriormente, à confirmação da ciência.

Projeto – idéia que se forma para se executar algo no futuro, seguindo determinado esquema.

Proposição – ato de propor, que se expressa verbalmente por um juízo.

Referencial teórico – seção ou capítulo onde é explicada a fundamentação teórica ou ideológica da pesquisa. É a partir deste quadro que são formulados os problemas e elaboradas as hipóteses.

Símbolo – é entendido como uma série de letras, números, ou como um objeto, cujo valor ou significado lhe é atribuído por quem o utiliza.

Silogismo – raciocínio formado com três proposições.

Sistema – conjunto de partes relacionadas entre si.

Teorias – conjuntos de princípios contestados como válidos porém, sujeitos a modificações, mediante novas descobertas.

Valores quantitativos – referem-se aos atributos ou valores de quantidade do objeto, processo, fenômeno, coisa ou ainda problema, que se denominam variável.

Variável – conceito operacional que contém um ou mais atributos ou valores e, em dado projeto e pesquisa, pode assumir diferentes valores.

JOSUÉ DA SILVA DE LIMA

MANUAL DE NORMALIZAÇÃO:
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

[e.g. folha de avaliação]

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final para obtenção de grau de Bacharel em
Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica
Batista Equatorial/ orientado pelo Prof. Esp. Josué da
Silva de Lima

Banca Examinadora:

1. _____
Josué da Silva de Lima – Prof. Orientador
2. _____
Manoel Ribeiro de Moraes Júnior – Prof. Avaliador
3. _____
José Carlos de Lima Costa – Prof. Avaliador

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

[e.g. de dedicatória]

Ao Deus de amor e Pai bondoso, por Sua Graça e muita misericórdia; Seja toda a honra e toda a Glória. Pelo século, dos séculos Amém!

AGRADECIMENTOS

Aos nossos colegas pastores o incentivo e oração;

Ao corpo docente da FATEBE, na magnífica pessoa do PhD, Pr. David Bowman Riker como reitor a consideração e confiança;

Ao coordenador acadêmico Dr. Pr. Manoel Ribeiro de Moraes Jr., a estima e incentivo;

Aos meus familiares Telma Mercedes, minha querida esposa e aos nossos filhos Joshua e Kalebe o carinho e a compreensão;

Aos alunos da FATEBE a inspiração e estímulo nesta empreitada;

E a todos os que de forma direta e indiretamente, contribuíram na elaboração deste trabalho. Muito Obrigado!

[e.g. de epígrafe]

A vida é uma escola, onde o viver
É o livro, e o tempo o professor;
Onde alguns cursaram, mas até
Hoje ninguém se formou.

Zé Geraldo

RESUMO

[e.g.: de resumo elaborado para TCCs e Dissertações]

O presente trabalho mostra em síntese as principais normas técnicas e orientações básicas, para a elaboração de textos científicos, dentro dos padrões adotados pelas entidades gestoras no campo da Metodologia da Pesquisa Científica. A orientação é feita a partir de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais; além de conceituações sobre os principais trabalhos científicos escritos como sínteses, resumos, resenhas, monografias, dissertações, teses, ficha de leitura, ensaio científico e *paper*, e os seus principais elementos constitutivos. O trabalho apresenta ainda maneiras de fazer citações dentro das normas técnicas, coletas de dados e como se elaborar projetos tanto de pesquisa científica, como de ação administrativa eclesial, para estágios supervisionados. O trabalho inclui uma cessão de termos e conceitos usados em latim, bem como alguns termos usados em inglês e ainda as abreviaturas e siglas mais comuns na codificação e decodificação usados na elaboração de textos científicos. É apresentado ainda, algumas dicas de bons hábitos de leitura, alguns procedimentos nas coletas de dados, nos principais itens de um projeto de pesquisa, tais como: a relevância do tema, da justificativa, das hipóteses central e secundárias, dos problemas central e secundários, dos referenciais teóricos, da relevância científica, da abordagem e manejo do método científico, pressuposto no seu cronograma, das bibliografias, preliminares e definitivas e et al. O trabalho também apresenta uma estratégia de avaliação, através de provas, participação em classe e *feed-back*; para que os educando e educador interajam na avaliação com um manejo de classe didaticamente indutivo. Finalmente, o trabalho propõe através de fontes bibliográficas indicadas uma sugestão de novos horizontes na área da Metodologia da Pesquisa Científica.

Palavras-chave: monografia, dissertações, teses, resenha, resumo, síntese, citações.

ABSTRACT

[e.g.: *de resumo em língua estrangeira para TCCs e Dissertações*]

The present shows in synthesis the main technical norms and basic orientations, for the elaboration of a scientific text, inside of the patterns adopted by the entities managers in the field of the Methodology of the Scientific Research. The orientation is made starting from pré-textual, textual and powder-textual elements; besides a conceituations on the main scientific works written as: syntheses, simple summaries and critical summaries, reviews, monographs and dissertations, scientific works, papers, and its main constituent elements. As to do citations inside of the technical norms, collections of data and as it is elaborated projects so much of scientific research, as of ecclesiastical administrative action [projects for apprenticeships]. It is also noticed, the inclusion of a cession of terms and concepts used in Latin, as well as some terms used in English and still the abbreviations and more common acronyms in the code and decoding in the elaboration of scientific texts. It is noticed that the work presents, still, some clues of good reading habits, some procedures in the collections of data, in the main items of a research project, such as: the relevance of the theme, of the vindicative, of the central and secondary hypotheses, of the central and secondary problems, in the theoretical reference, in the scientific relevance, of the look and handling of the method scientific presupposition, in its chronogram, of the bibliographies, preliminaries and definitive, and et. al. It is concluded, that the work also presents an evaluation strategy, through tests, participation in class and feed-back; so that educating them and educating interchange in the evaluation with a handling of class inductive didactic . Finally, the work proposes through suitable bibliographical sources a suggestion of new horizons in the area of the Methodology of the Scientific Research.

Key-words: monograph, dissertations, theses, it specifies, summary, synthesis, citations, method, text, obverse, complements, bibliographies and enclosures.

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	1-10
1. INTRODUÇÃO	11
2. PRINCIPAIS TRABALHOS CIENTÍFICOS	12
2.1 RESUMO	12
2.1.1 Roteiro para elaboração de resumo	15
2.2 RESENHA	15
2.2.1 Roteiro para elaboração de resenha	16
2.3 SÍNTESE	18
2.4 MONOGRAFIA	18
2.5 DISSERTAÇÃO.....	18
2.6 TESE	19
2.7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.8 PROJETO DE PESQUISA	19
2.9 FICHA DE LEITURA	20
2.10 ENSAIO CIENTÍFICO	20
2.11 <i>PAPER</i> OU COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	21
3. REDAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS	22
3.1 TERMOS MAIS USADOS	23
3.1.1 Abreviaturas	24
3.1.2 Siglas	24
3.1.3 <i>Latinismos</i>	25
3.2 O USO DE PRIMEIRA OU TERCEIRA PESSOAS	28
3.2.1 O uso de verbos	29
3.2.2 O uso do vocabulário	30
3.3 APRESENTAÇÃO GRÁFICA	31
3.3.1 Margem e espaçamento	31
3.3.2 Numeração	32
3.3.3 Tipos de fontes	33
3.4 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	33
3.4.1 Capa e folha de rosto	33
3.4.2 Ficha catalográfica	34
3.4.3 Errata	34
3.4.4 Folha de avaliação	34
3.4.5 Resumo na língua local	35
3.4.6 Sumário	35
3.5 ELEMENTOS TEXTUAIS	36
3.5.1 Introdução	36
3.5.2 Desenvolvimento	37

3.5.3 Conclusão	37
3.6 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	38
3.6.1 Referências	39
3.6.2 Apêndice	39
3.6.3 Anexos	39
3.6.4 Glossário	40
3.6.5 Índice	40
4. AS CITAÇÕES	41
4.1 TIPOS DE CITAÇÃO	42
4.1.1 Citações textuais ou <i>ipsis litteris</i>	42
4.1.2 Citações livres ou paráfrases	43
4.1.3 Citações diretas	43
4.1.4 Citações indiretas	44
4.1.5 Citações de fontes orais	44
4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS CITAÇÕES	45
4.2.1 Citações com elipses	45
4.2.2 Citações com interpolações	45
4.2.3 Citações em língua estrangeira	46
4.2.4 Citações em notas de rodapé	46
4.2.5 Citações autor, data e página	47
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
5.1 OS ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS	49
5.1.1 Autor pessoal	49
5.1.2 Autores estrangeiros	51
5.1.3 Autores brasileiros de sobrenomes compostos	53
5.1.4 Autor entidade	55
5.1.5 Título e subtítulo	56
5.1.6 Sobre a edição	56
5.2 CITANDO AS MONOGRAFIAS	59
5.2.1 Citando os periódicos no todo	61
5.2.2 Citando os documentos de eventos	62
5.2.3 Citando os documentos de imagem e movimentos	63
5.3 CONCEITOS USADOS EM PUBLICAÇÕES	64
6. CONCLUSÃO	70
7. BIBLIOGRAFIAS	71
ANEXO I	74
ANEXO II	75
GLOSSÁRIO	76